



**Always ready for Operation  
Now ready for Portugal**

O Ministério da Defesa de Portugal encomendou à Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug GmbH o fornecimento de 260 blindados de rodas PANDUR, dos quais 20 viaturas são anfíbias. Todas as viaturas são produzidas na versão 8x8

e em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O armamento inclui variantes com a torre Steyr SP 30 e abrange desde a metralhadora cal. 12,7 mm até ao Morteiro cal. 120 mm.



STEYR-DAIMLER-PUCH  
SPEZIALFAHRZEUG GMBH  
A GENERAL DYNAMICS COMPANY



P.O.B. 100, A-1111 Vienna, Austria, Phone: +43-1-760 64  
Fax: +43-1-769 81 49, Homepage: www.steyr-ssf.com

**GENERATION STEYR**



**REVISTA**

**da  
CAVALARIA**

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Março 2009 | 3ª Série | Ano VII | Nº 17



**O Cavalo na  
Guerra de África**

**1961-1974**





## Palavras do Director Honorário da Arma



Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros  
MGEN

### O emprego do cavalo na guerra de África

Decidiu a Direcção da Revista escolher como tema “O emprego do cavalo na guerra de África”. Como Director Honorário da Arma de Cavalaria é-me muito grato dirigir estas palavras de abertura para esta iniciativa da Revista de Cavalaria, que irá permitir o reviver do nosso passado e certamente enriquecer o registo de acontecimentos que fazem parte do espólio histórico da Cavalaria Portuguesa, permitirá também às novas gerações de Cavaleiros melhor conhecer e compreender como a Cavalaria actuou no último conflito armado em que o Exército Português participou.

A utilização do Cavalo na Guerra remonta a tempos imemoriais, quando o homem conseguiu domesticar esse animal imponente e utilizá-lo em seu benefício, aproveitando a sua mobilidade para melhor desenvolver as suas actividades, em que também incluíam as primeiras disputas, evoluindo rapidamente como instrumento decisivo nas lutas entre os homens. Graças ao emprego de forças montadas foi possível alterar o desfecho de inúmeras batalhas, vaticinando-se o fim da sua utilização militar no pós-Grande Guerra, com o início da motorização dos exércitos.

Em Portugal o cavalo esteve sempre presente nos vários conflitos desde a fundação da nacionalidade, tendo necessariamente sido empregue nas operações levadas a cabo em África, tanto na fase inicial da ocupação, como nas campanhas de pacificação e mais recentemente nas décadas de sessenta e setenta do século passado nos teatros de operações de Angola e Moçambique.

A utilização de Unidades a Cavalo no Leste de Angola, num terreno caracterizado por extensas áreas planas e abertas, que inicialmente mereceu alguma reserva, foi de grande eficácia permitindo aumentar a mobilidade das tropas naquele tipo de terreno, as chanas, e conjugando a sua acção com tropas apeadas e helitransportadas, contribuiu decisivamente para garantir vários sucessos. Foram os Dragões de Angola que ficaram célebres pelo “modo português de fazer a guerra” nas palavras de John P. Cann na sua obra “Contra-insurreição em África 1961-1974”.

Mas em Moçambique também foi levantado um Esquadrão a Cavalo, talvez menos conhecido por falta de relatos escritos, mas que muito justamente é aqui abordado, contribuindo assim para permitir o seu registo histórico e divulgar a sua existência e actividade.

MGEN LUÍS MIGUEL DE MEDEIROS  
Director Honorário da Arma de Cavalaria.

### UM PRAZER ESPECIAL!

Foi uma prazer especial preparar este número da revista. Por três simples razões:

Primeiro, o tema em si. Fomos o último exército europeu a combater com unidades de cavalaria a cavalo. Depois de nós, a nível mundial, só a Rodésia, bebendo muito da nossa própria experiência. Folhear antigas histórias de unidades, ver fotografias de outros tempos sobre unidades a cavalo é sempre uma delícia;

Segundo, termos recebido contributos de diferentes gerações de cavaleiros. Das gerações mais novas, que nos bancos da Academia Militar e com propósitos académicos se debruçam sobre o passado recente da nossa arma, às gerações mais antigas, elas verdadeiras protagonistas desta epopeia e escrevendo na primeira pessoa, participaram com artigos muito interessantes;

Terceiro, a honestidade e a candura com que se escreveu, principalmente pela geração mais antiga e sobre as coisas que não correram nada bem. Partilhar ensinamentos é isto mesmo.

Um facto que é bastante interessante e não pode deixar de ser salientado é que foram nas

TCOR Cav MIGUEL FREIRE  
G3 Cmd BrigMec

## Editorial

páginas da Revista da Cavalaria que se iniciou o debate sobre a possibilidade do emprego de tropas a cavalo na guerra que se travava em África.

### Linha editorial

Para os próximos números os temas serão:

Nº	Mês da Publicação	Data limite de entrega	Tema
18	Julho '09 (a publicar em Novembro)	15 Outubro '09	Especialidades de Cavalaria.

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes.

Independentemente do tema central a Revista mantém fixas as seguintes secções:

- Editorial
- Correio do Leitor
- Livros - Artigos - Revistas - Sites
- Resenha de Actividades de Unidades



Um momento de alegria! Cavalos e cavaleiros refrescam-se. Podia ser há quatro mil anos atrás, quando nas vastas planícies da Ásia Central o homem começou a domesticar o cavalo, ou podia ser na Frente Leste, durante a segunda guerra mundial, quando russos e alemães usaram pela última vez, grandes unidades de cavalaria a cavalo. Mas não. A fotografia é tirada no Leste de Angola, no início da década de setenta quando parecia que a história já tinha empurrado o cavalo, de vez, para fora dos campos de batalha.

A particularidade dos laços que se estabelecem entre o cavaleiro e a sua montada conferiu desde sempre às unidades de Cavalaria um espírito e élan que a diferenciaram sempre das demais armas criando nos seus militares um orgulho que afinal nos distingue dos outros.

(Fonte: COR M. Dias)

# Do renascer da ideia às conclusões dos estudos

## 1. O RENASCER DA CAVALARIA A CAVALO

Aquando do início das hostilidades no Ultramar em 1961, houve uma série de problemas que devido às características das acções do inimigo estavam a ser difíceis de ultrapassar. O tipo de guerra subversiva que se enfrentava era bem característica: não existia um inimigo "convencional", não existiam frentes de batalha definidas, era no fundo uma "guerra fantasma" com um perigo bastante real. Devido às características deste tipo de guerra, que flagelava as tropas portuguesas essencialmente através de emboscadas e ataques rápidos e de surpresa, começaram-se a elaborar várias hipóteses, que dariam mais tarde origem a estudos, para resolver os principais problemas com que as tropas no terreno se deparavam. Assim, em 1963, quando o então capitão de cavalaria Ferrand de Almeida formulou e publicou, na Revista da Cavalaria, uma hipótese sobre a utilização de cavalos na Guerra e o pedido para a realização de um estudo que fosse mais conclusivo, deixou a grande maioria surpresa. Afinal, todos sabiam o que tinha acontecido à cavalaria polaca, pouco mais de duas décadas antes, quando haviam defron-

tado os carros de combate do exército alemão. A partir daí deixou de haver ilusões, até mesmo para os mais conservadores. Depois da guerra relâmpago os carros de combate substituíram, incondicionalmente, o cavalo que fora um fiel servidor dos exércitos durante tantos séculos. No entanto, em Angola, o exército português não estava a fazer face a uma "guerra relâmpago", mas sim a uma "guerra de guerrilha" em que o material e armamento inimigo não eram de ponta e o cenário era, na maioria das vezes, a savana africana onde nem uma estrada existia. Seria assim tão descabida a ideia do capitão Ferrand de Almeida?

Como referido anteriormente, em 1963 é publicado um artigo na



Cavalaria a Cavalo em Angola?

**P**or muito estranha e descabida que a pergunta possa parecer, ouso formulá-la com perfeita consciência do ridículo que sobre mim poderia fazer cair, mas também com a certeza de que, se um tal assunto vier a merecer um estudo profundo e as conclusões consistirem a uma resposta positiva, poderiam daí advir extraordinários benefícios para o cumprimento da missão que as Forças Armadas estão desempenhando nesta Província.

O estudo deste assunto, facilitado pela experiência de campanhas relativamente recentes, necessitaria de incidir sobre os seguintes pontos fundamentais:

- 1.º — Adaptação dos animais ao clima e profilaxia de doenças tropicais.
- 2.º — Alimentação.
- 3.º — Aspecto veterinário;
- 4.º — Aspecto logístico;
- 5.º — Aproveitamento dos recursos locais.

3.º — Aspecto económico.  
4.º — Utilidade operacional.

Revista da Cavalaria pelo capitão Ferrand de Almeida cujo título era "Cavalaria a Cavalo em Angola?". Neste artigo dá a sua opinião sobre o assunto e afirma que um estudo mais detalhado e feito por pessoas habilitadas e com conhecimentos (nalguns pontos refere-se a veterinários), poderia afirmar se seria ou não uma ideia descabida. Na opinião de Ferrand de Almeida havia essencialmente quatro grandes problemas: o primeiro, estava relacionado com a "adaptação dos animais ao clima e profilaxia de doenças tropicais"; o segundo relacionava-se com a "alimentação", quer do aspecto veterinário, logístico e do aproveitamento dos recursos locais. Poderiam existir também, na opinião de Ferrand de Almeida, reticências do ponto de vista "económico" e de "utilidade operacional". No mesmo artigo o capitão de cavalaria propõe logo uma série de hipóteses para alguns destes problemas, visto ter já algum conhecimento sobre a região de Angola e bastante sobre cavalos.

Durante todo o seu artigo publicado em 63, Ferrand de Almeida defende que a utilização do cavalo em terras angolanas iria trazer bastantes vantagens, tais como: desenvolvimento económico das regiões na medida em que o cavalo poderia ser utilizado para vários fins, tais como agrícolas e até desportivos; menor necessidade logística que os meios auto pois não dependiam de

combustíveis, lubrificantes, manutenção técnica especializada ou peças para reparação.

Existem dois pontos neste artigo que são muito importantes e inovador. Em primeiro lugar o pequeno comentário que o autor dá relativamente à recolha de informações sobre o terreno e a conclusão a que chega de que este é permeável à tropa montada. O segundo apontamento vai para um raciocínio bastante lógico que passo a transcrever: "... o emprego de viaturas permite um suficiente raio de acção, mas não se coaduna com a surpresa, e nem sempre as viaturas existentes ou operacionais são bastantes para a satisfação das necessidades logísticas. Nos patrulhamentos a pé, verificam-se as características inversas e nos mistos, não deixam de existir os inconvenientes dos primeiros. Ora os patrulhamentos a cavalo seriam precisamente aqueles que permitiriam, com grande prestígio para a tropa, o seu aparecimento frequente e por surpresa, em locais praticamente inacessíveis às viaturas pela falta de vias de comunicação, e à tropa apeada, pela distância a que se encontram. Seria o meio intermediário, que permitiria preencher uma importante lacuna no emprego dos meios que actualmente se dispõem." (Ferrand de Almeida, 1963)

Surge ainda uma outra solução, rápida, extremamente flexível mas que Ferrand de Almeida rapidamente põe de parte face aos elevados custos e à insuficiência existente, falamos do helicóptero que embora fosse um grande meio de apoio jamais poderia ser usado em todas as situações e em todos os patrulhamentos.

Um ano mais tarde, em 1964, é o próprio capitão de cavalaria Ferrand de Almeida a responder à pergunta feita por ele mesmo ante-

riormente, ao publicar na Revista da Cavalaria o artigo "Emprego da Cavalaria a Cavalo em Angola? SIM!". Depois de quase dois anos



Emprego da Cavalaria a Cavalo em Angola? SIM!

**D**urante os dois anos que estou prestes a completar nesta Província, tive a feliz oportunidade de, nas minhas missões de serviço, ficar a conhecer grande parte dela, tanto sob o aspecto geográfico como sob os aspectos militares, políticos do tipo de guerra que nela estamos enfrentando. Conheci parte bem característica da região dos Dembos, percorri várias vezes quase todo o Quanza Sul, permaneci bastante tempo na Luanda que fizeti a conhecer bastante bem, atravessei os Distritos de Malange, Quanza Norte, e agora no Sector, tenho percorrido uma vasta porção de terras abrangendo de avião quase todo o Distrito do Zaire, e parte do de Luanda. O conhecimento que tenho tido em todas estas regiões, sobre a actuação do inimigo, quer se trate do armado e activo, quer daquele que actua silenciosamente à sombra de uma paz não muito certa, quer ainda das condições de vida, noções e mentalidade de populações que, coagidas ou convertidas, desempenham sempre algum papel nesta luta, por não se contra-tudo, e às vezes até simultaneamente para os dois lados, tem-me feito pensar constantemente acerca dos procedimentos e dos meios que possam conduzir-nos à vitória, isto é: à conquista definitiva das populações e garantindo uma relativa integridade do território contra as incursões de hordas inimigas vindas do exterior.

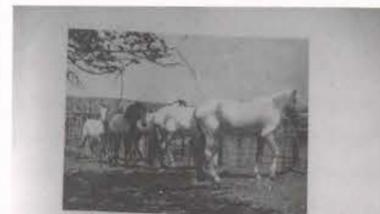
na província ultramarina de Angola e após analisar a maneira de actuar do inimigo e as regiões do território angolano o capitão de cavalaria parece não ter dúvidas e afirma que "sim" — o cavalo é uma mais-valia e uma solução para muitos problemas que estão a ser insolúveis naquela região. Para fundamentar a sua teoria, o capitão Ferrand de Almeida descreve algumas situações que analisa posteriormente se existissem forças a cavalo ou se tal se passasse com forças montadas. Neste artigo, embora mais extenso e recheado de exemplos práticos, não surgem grandes novidades mas sublinha-se o que já tinha sido dito na Revista do ano anterior.

Foi um ano mais tarde em 1965 que o Tenente-Coronel Luiz Barros e Cunha e o Major Duarte Silva se pronunciaram na revista da cavalaria desse mesmo ano e desenvolveram as suas opiniões baseadas em

estudos realizados respondendo assim à proposta anteriormente lançada pelo Capitão Ferrand de Almeida.

## 2. OS PRIMEIROS ESTUDOS PELO TENENTE-CORONEL LUIS BARROS E CUNHA

O Tenente-Coronel Cunha que nesse ano também se encontrava na província ultramarina de Angola leu com bastante interesse os artigos do Capitão Almeida sobre o assunto e efectuou ele próprio aquilo a que chamou um "esboço do estudo". Numa primeira fase desse estudo é feita uma análise histórica da arma de cavalaria que inicia exactamente pelo uso do cavalo, passa posteriormente para os motorizados que antecedem os blindados e nos exércitos mais avançado verifica-se o uso até de meios mais evoluídos como os helicópteros de combate (cavalaria do ar). Ainda nesta fase é feita uma alusão relativamente a pensar-se, em pleno século XX, voltar a utilizar o cavalo, que havia sido o primeiro meio de combate da cavalaria.



A CAVALARIA A CAVALO NO ULTRAMAR

Dois opiniões:

I — A CAVALARIA — MEIOS E MISSÕES  
(Esboço de estudo sobre o emprego do cavalo)  
FERRAND DE ALMEIDA, BARROS E CUNHA

II — HISTÓRIA ANTIGA... QUE SE REPETE...  
MAJOR DUARTE SILVA

## A. O Cavalo

Relativamente ao cavalo, segundo o estudo feito pelo Tenente-Coronel Cunha, existiam bastantes vantagens no seu emprego e algumas limitações que na sua opinião seriam perfeitamente superáveis.

No que diz respeito às limitações existiam em primeiro lugar doenças como a doença do sono, horse-sickness, a sarna e o timpanismo. Para as duas primeiras existiam vacinas, a sarna era prevenível através duma boa higiene, e o timpanismo poderia ser evitável reduzindo a variedade de capim para um melhor funcionamento do aparelho digestivo. Também a altitude poderia diminuir o rendimento do cavalo mas nada que fosse muito significativo. Outra das limitações era a alimentação, mas depois de se fazer um estudo das zonas e do que se cultivava ao longo do território esta deixou de ser uma grande preocupação. O tratamento foi também colocado em questão e chegou-se à conclusão que sempre que possível iria ficar a cargo de veterinários civis para que a força tivesse uma maior autonomia e independência no mato. A ferração foi também analisada e concluiu-se que devido ao terreno ser arenoso havia a possibilidade de na maioria dos casos utilizar cavalos desferrados visto que o terreno não desgastava os cascos de forma significativa. Para finalizar as limitações também constituíam um problema. Os abrigos de cavalos e cavaleiros em caso de intempéries, para descanso ou mesmo protecção, bem como as grandes distâncias percorridas e com uma velocidade não muito elevada, embora superior à marcha apeada.

Relativamente a vantagens existiam bastantes, principalmente do ponto de vista de bai-

xa dependência logística quando comparado com unidades motorizadas e maiores velocidades quando comparado com unidades apeadas. Estas forças poderiam aceder praticamente a qualquer zona do território, em qualquer época do ano e com alguma velocidade. Era também uma grande vantagem o factor surpresa que consistia no silêncio do seu deslocamento aliado à sua relativa velocidade e ao detalhe de observação que advinha de ambos os factores. Também a sua vulnerabilidade diminuía uma vez que esta força estaria preparada para actuar em pequenos grupos dispersos e podendo completar a acção de outras forças militares.

## B. O Pessoal

Durante este esboço de estudo o Tenente-Coronel Luiz Barros Cunha abordou ainda o factor "pessoal" que seria necessário na constituição de uma força deste tipo. Em primeiro lugar é necessário ver que embora continuasse a haver cavalos no exército, a sua existência era meramente desportiva e cultural, no fundo a tropa não se encontrava preparada para combater a cavalo. A primeira coisa a fazer relativamente ao pessoal seria criar quadros de instrutores e monitores que pudessem dar instrução. Esta tarefa, embora difícil, estava facilitada devido ao espírito do cavalo ainda estar vivo entre os sargentos e oficiais de cavalaria que mesmo após o aparecimento e desenvolvimento das viaturas e dos blindados continuaram adeptos da arte equestre.

Para que a formação fosse homogénea na metrópole e em todas as províncias ultramarinas, os sargentos e oficiais que fossem receber formação iriam para a Escola

Prática de Cavalaria, independentemente da sua origem. Foi sugerido também um sistema misto de 1/3, ou seja, as forças eram divididas igualmente por praças metropolitanos, brancos de Angola e nativos. Também a alimentação do pessoal que constituía esta força deveria ser alvo de estudo mas previa-se que assentasse essencialmente em caça e frutas recolhidas.

## C. Os Meios

O primeiro de todos os meios a dever ser analisado era sem sombra de dúvidas o cavalo que é no fundo o "protagonista" e o responsável por todo este estudo. Já o capitão Ferrand de Almeida havia dito anteriormente que o cavalo poderia ser um problema devido a doenças, clima e vários outros factores. A solução do fornecimento destes animais passava essencialmente pela União Sul Africana e pela Argentina, locais onde já se haviam adquirido estes animais para as campanhas Africanas do fim do século XIX e do início do século XX. A segunda grande questão relativamente aos meios era relativa a viaturas. Mesmo sendo um esquadrão a cavalo eram alvo de estudo viaturas exclusivamente a partir de escalão pelotão e superior que poderiam servir essencialmente para auxiliar a nível logístico e seriam possivelmente equipadas com rádios pelo que poderiam ser ocupadas pelos comandantes visto que estariam sempre em contacto rádio com a força. Não menos importante era também o armamento a ser utilizado por esta força com características tão especiais. O uso da espada seria uma hipótese bastante provável dadas as características da força e do combate, bem como a catana ou o iavite. A arma de fogo ao serviço desta força seria certamente

uma Pistola-Metralhadora 9 mm em que os carregadores seriam transportados no cavaleiro e peitoral. Para completar o armamento resta referir as granadas de mão que possivelmente seriam ofensivas. As transmissões têm um papel importantíssimo num tipo de força com estas características. Uma pequena força isolada a dezenas de quilómetros do aquartelamento durante vários dias necessitava de meios rádio fiáveis para garantir que os seus comandantes conseguissem sempre estabelecer contacto rádio com as forças independentemente das distâncias. Possivelmente iriam ser utilizados E/R transistorizados a pilhas e a dotação iria ser de dois por secção em que seria um para cada esquadra. O pelotão iria ter dois, um para a ligação com as suas secções e outro para o escalão superior. Também o esquadrão iria ser equipado por dois rádios.

## D. Organização

A organização era um item que segundo o Tenente-Coronel Cunha deveria ser alvo de um estudo muito importante na medida em que iria ser responsável pelo "encaixe perfeito" quer dentro da arma de cavalaria quer nas Forças Armadas. Também a organização como unidade deveria ser alvo de um estudo completo para que a sua constituição e volume fossem o ideal para o tipo de operações a realizar.

No fundo concluiu-se com este esboço de estudo, que era na opinião do seu autor, o Tenente-Coronel Cunha, um ponto de partida para um Estudo Completo sobre o assunto, que a utilização de unidades a cavalo traria grandes vantagens. Essas vantagens seriam a nível económico, de eficácia, de reforço das tropas de intervenção, maior facilidade em adquirir todas

as necessidades ao cavalo face às das viaturas. O armamento seria também ligeiro e por isso de fabrico nacional, e a forma de actuar iria proporcionar supremacia face ao adversário.

## 3. ESTUDO DA UTILIZAÇÃO DE CAVALOS NO ULTRAMAR PELO MAJOR DUARTE SILVA

Também o então Major Duarte Silva quis comentar os artigos do Capitão Ferrand de Almeida dando a sua opinião sobre as possibilidades duma força a cavalo em Angola.

A utilização do cavalo em África não era recente, pois já Mouzinho de Albuquerque e Caldas Xavier defendiam a sua utilização na Guerra em finais do século XIX. Contudo, António Eanes era contra a utilização deste animal por diversas razões das quais não constam razões tácticas.

Muito embora houvesse quem estivesse contra e quem estivesse a favor, a verdade é que as unidades a cavalo foram mesmo utilizadas nas Campanhas Africanas de fim do século XIX e início do século XX, estando os resultados das mesmas escritos nas páginas da História do nosso país. As batalhas de Macontene, Maputo, Maguiguana ou Môngua são apenas alguns dos exemplos onde a tropa a cavalo levou a melhor em terras africanas.

Um dos maiores problemas das unidades a cavalo sempre foi a sua manutenção tal como previa António Eanes, se tal não fosse, o domínio da cavalaria teria sido ainda maior e resultado em mais e maiores vitórias com menos baixas durando assim as campanhas menos tempo.



Tal como a opinião do Tenente-Coronel Barros e Cunha também o Major Duarte Silva faz uma pergunta no início do seu breve estudo sobre sensivelmente o mesmo assunto "Ainda se porá o problema do cavalo ir ou não dar uma vez mais a sua contribuição para a vitória das Quinas?". Na parte introdutória do seu artigo são ainda feitas algumas questões que se resumem no fundo à evolução científica que se tem sentido desde as campanhas do final do século XIX e início do século passado, que poderá resolver muitos problemas.

## A. Velocidade

No que diz respeito à velocidade quando falamos em deslocamentos, comparando aos meios auto em estrada, obviamente o cavalo está em grande desvantagem. Contudo, se atendermos às grandes dificuldades que os veículos motorizados têm em se deslocar nas picadas angolanas e comparando com as tropas apeadas, rapidamente damos vantagem às forças a cavalo. Enquanto os meios auto são afectados pelos mais diversos factores durante o seu deslocamento, o único grande problema do cavalo é o calor quando se faz sentir de forma muito acentuada. Também em



# A acção da cavalaria no Leste de Angola

“A utilização da Cavalaria é a pedra de toque dos grandes capitães”

autor desconhecido

## I. INTRODUÇÃO<sup>(1)</sup>

Cuamato, Chaimite, Macontene e Namarrais, são alguns dos nomes associados às gloriosas páginas da história portuguesa escritas por soldados, e onde a Cavalaria foi sempre decisiva na “sorte” do combate. Passadas algumas décadas, o espírito analista do militar fez reviver essa tradição, desta feita nas Chanas do Leste de Angola, onde as forças portuguesas apresentavam algumas limitações, facilmente superáveis por uma tropa de reconhecimento ligeiro altamente móvel.

Pese embora a sua simplicidade e objectividade, este trabalho visa dar a conhecer o modo como a Cavalaria Portuguesa actuou numa guerra subversiva, não só através das suas Companhias de Caçadores, Unidades Blindadas de Reconhecimento e Polícia Militar, mas também com Tropas a Cavalo. Para atingir tal desiderato, tentaremos escrever um pouco da história da

única unidade de Tropas a Cavalo, o Grupo de Cavalaria 1 «Dragões» (GCav 1) aquartelado em SILVA PORTO, hoje CUÍTO, no planalto do BIÉ.

Articulou-se o artigo para que, de uma forma simples e o mais precisa possível pudesse dar uma visão do modo como esta situação foi abordada pelos nossos antecessores. Deste modo, seguindo uma metodologia muito próximo do “Estudo da Situação de Informações”, tentaremos caracterizar o ambiente onde actuavam este tipo de forças, em termos de área de operações e inimigo, apresentando de seguida, a organização adoptada e salientando alguns aspectos logísticos. Tenta-se, também, dar ainda um quadro das possibilidades e limitações deste tipo de forças e,

simultaneamente, estabelecer um quadro comparativo com outro tipo de forças. Por fim, tecem-se algumas conclusões.

As fontes, embora escassas, revelaram-se de uma riqueza extrema, uma vez que existiu a possibilidade de se recolherem os testemunhos, daqueles que viveram a formação das Tropas a Cavalo. Por isso não se pode deixar passar este momento sem se agradecer a colaboração preciosa, dos Srs. Coronéis Mano, Faia e Neves Veloso, assim como do Sr Dr. Costa Ferreira, sem a qual, sublinha-se, não teria sido possível a realização deste trabalho. Importa ainda salientar, com grande tristeza nossa, que praticamente não existem registos desta unidade nos nossos arquivos históricos.



Desfile do pelotão a cavalo experimental comandado pelo então Alferes Veloso.  
Fonte: COR Veloso.

TEN COR Cav HENRIQUE MATEUS  
IESM

## II. ÁREA DE OPERAÇÕES

Segundo o Sr Cor Faia, em Angola, o solo era do tipo argiloso nas regiões Norte e Noroeste, macio e arenoso nas regiões a Sul do paralelo de Luanda. Quanto à vegetação, pode-se afirmar que a região de Cabinda e dos Dembos é densamente arborizada. A Sul do paralelo de Luanda predominam as planícies de capim e arbustos de pequeno e médio porte, bem como de floresta esparsa não impedido a observação e movimentação, e ao Sul, fraca vegetação. O planalto de Angola, localizado no Centro e prolongando-se para Leste, pode então ser caracterizado por vastas planícies com capim, vulgo Chanas, vegetação pouco densa e terreno pouco acidentado. Em suma, terreno propício à utilização do cavalo.

Os rios e as linhas de água, existentes em abundância, do ponto de vista táctico podiam constituir-se como obstáculo. Todavia, sob o ponto de vista logístico, constituíam abundantes fonte de água, não existindo qualquer preocupação adicional para dessedentar os animais, durante as operações.

O capim existente em abundância, parecia suficiente como forragem e balastro para os animais, se bem que mais tarde se tenha vindo a verificar que era desprovido de sais minerais, obrigando a complementar a ração como forma de compensação.

A natureza do solo, possibilitava o uso do cavalo desferrado, o que de outra forma constituiria uma servidão muito grande, embora exigisse um especial cuidado no tratamento dos cascos.

Relativamente ao clima existente no planalto de Angola, este caracteriza-se como sendo tempera-



Fonte: COR Faia.

do húmido e, junto a Silva Porto, temperado de montanha, o que significa grandes amplitudes térmicas.

A guerra, encontrava-se em desenvolvimento na região, estando o MPLA a tentar controlar aquela faixa de terreno principalmente ao longo da rota Agostinho Neto e a escurçar a UNITA, implementada no planalto.

Segundo testemunhos, a actuação inimiga nesta área era feita a partir do exterior do território Angolano, mantendo algumas bases logísticas e coagindo populações para obterem meios de subsistência. Fundamentalmente, a zona de acção atribuída aos Dragões, caracterizava-se por um inimigo fluído, numa fase incipiente e com poucos focos de resistência, tentando implantar bases logísticas intermédias, por forma a diminuir as suas linhas de comunicações, dada a distância que ia da linha de fronteira aos principais centros populacionais.

## III. PRIMEIRAS TROPAS A CAVALO – O INÍCIO

A 19 de Março de 1967, nas instalações do GCav 1, em Silva Por-

to, é constituído, a título experimental, um Pelotão a Cavalo (PelCav), sob o comando do então Alf Cav Neves Veloso. O período experimental destas tropas, duraria cerca de três meses.

A ideia terá nascido da necessidade de, num terreno com as características já referidas, e na presença de um inimigo essencialmente nómada, existir uma tropa de reconhecimento altamente móvel e silenciosa, com capacidade de percorrer longas distâncias durante vários dias sem necessidade de reabastecimento, mantendo-se em condições físicas para, a qualquer momento, desenvolver acções de combate. Para além da missão de reconhecimento de zona, a sua actuação permitia um maior contacto com as populações, contribuindo para a contra-subversão.

Com verbas que se supõem da própria província, compram-se na República da África do Sul (RAS), cerca de 30 cavalos, para se iniciar o período experimental.

Os primeiros elementos foram tropas recrutadas por convite enviado às unidades existentes e iniciaram a sua actividade pela instrução de adaptação aos cavalos, seguida de ordem unida a cavalo, fundamen-







## O Esquadrão a Cavalo de Moçambique na Guerra do Ultramar

*Foi-me solicitado pela Direcção da Revista de Cavalaria elementos necessários para a elaboração do estudo sobre o Esquadrão a Cavalo em Moçambique, e por isso volto a falar deste assunto um tanto doloroso.*

*As presentes notas vêm na sequência do “Colóquio Sobre Equitação Militar” na SEM de 2006 em que devido às observações muito desfavoráveis do Senhor General Duarte Silva sobre as Tropas a Cavalo de Moçambique e sobre os seus responsáveis, fui obrigado a escrever e a enviar para todos os oficiais de cavalaria presentes, um texto com os «Subsídios para a História das Tropas a Cavalo em Moçambique de 1972 a 1974» com elementos da História da Unidade elaborada já na fase final pelo Capitão Rogério da Silva Guilherme, último Comandante de Esquadrão.*

TENCOR Cav DIAS DE ALMEIDA  
Reforma.

Face ao êxito obtido a partir de meados de 1969 com as Tropas a Cavalo nos Dragões de Angola, pensou-se igualmente no emprego de unidades a cavalo no Teatro de Operações de Moçambique. Infelizmente a resolução foi muito tardia, perdendo-se muito tempo, depois dos primeiros êxitos alcançados em Angola. Mediou um grande intervalo de tempo, cerca de dois anos, para haver uma “luz verde” para se accionar todo o processo para Moçambique. Entretanto chegou-se a Abril de 1974, e apenas o Esquadrão a Cavalo em fase final de formação fez patrulhamentos à linha do caminho de ferro e a algumas regiões limítrofes sem haver contactos com a Frelimo que entretanto já chegara ao corredor da Beira (eixo ferroviário Beira-Rodésia).

Tive a oportunidade de poder comparar a formação das tropas a cavalo em ambas as províncias, por ter presenciado parte da formação e a actuação das tropas a cavalo em Silva Porto enquanto comandante do ECav 402, e dois anos mais tarde estar na organização da primeira fase do Esquadrão a Cavalo e fazer a apresentação do 1º pelotão a cavalo do esquadrão, em Vila Pery.

A minha ida para Silva Porto aconteceu porque a CCav 2430/

BCav 2854 que comandava em Zala antes de rodar para Catete, foi colocado no GCav 1 devido à saída de 3 capitães de cavalaria quase em simultâneo: os então capitães Almeida e Brito (oficial de operações /informações); o Ruy Oliveira Soares do ECav 402 e o aproximar-se o fim da comissão do cap Manuel Veloso que formou o 1º Pelotão a cavalo e que seria o embrião de toda a cavalaria a cavalo no Bié, substituído mais tarde pelo Capitão Vasco Ramires. Apresentei-me nos Dragões em 12FEV69 e estive no Bié até meados de Novembro de 1970, acompanhando de perto a evolução das tropas a cavalo em Angola.

Em Moçambique aconteceu-me uma transferência um tanto idêntica. O BCav 3888 estava em Marrupa e depois de 6 meses no Niassa fui colocado no Centro de Instrução de Cavalaria (CICav) em Vila Pery onde me apresentei em 03JAN73 para preparar o 1º Pelotão do futuro Esquadrão a Cavalo de Moçambique.

Assim, creio ter sido um dos poucos oficiais de cavalaria que pôde comparar e avaliar as condições em que se formaram as unidades a cavalo no ultramar português. Aliás, havia muitas semelhanças entre Silva Porto e Vila Pery.



Visita do Cmdt Chefe das Forças Armadas de Moçambique, GEN Kaulza de Arriaga ao Primeiro Esquadrão a Cavalo em Moçambique. Fonte: COR Castro Neves

Ambas terras do interior, de planalto, clima ameno e fresco, terreno pouco acidentado com mata aberta intervalada com as chanas e rios com anharas de difícil transposição. Eram ambas servidas por via férrea (linha de ferro de Benguela e o caminho de ferro da Beira) um eixo rodoviário transversal e paralelo ao Caminho de Ferro.

A grande vantagem de Vila Pery era estar a cerca de 90/100 Kms de Untali a terceira maior cidade da Rodésia, onde havia de tudo o que fosse necessário e até boutiques para cavalos onde por vezes tive de recorrer, enquanto Silva Porto estava mais isolada no meio de Angola e por isso chamada “Silva Morto”.

Ambas as remontas tiveram origem em África. Para Angola os primeiros dois lotes com cerca 70 cavalos na África do Sul e mais tarde o grande efectivo na Argentina, e para Moçambique os seis lotes na Rodésia.

O pelotão do então alferes Veloso recebeu 30 e tal cavalos em finais de 1966, preparando atempadamente os meios necessários para a recepção dos mesmos: pessoal, material, instalações, rações, etc. Quando estava para chegar o 2º lote de cavalos, cerca de dois anos depois, escrevi no meu diário da Comissão de Angola no dia seguinte à minha apresentação em Silva Porto no dia 13FEV69: «chegaram nesta madrugada 49 cavalos comprados na África do Sul». Pode-se dizer que estes cavalos tinham tudo preparado para serem recebidos nas melhores condições.

Costuma-se dizer que a “sorte protege os audazes” e além da preparação efectuada, houve ainda a oportunidade da reportagem do jornalista Fernando Farinha do “Notícias de Angola” que participou numa operação a cavalo, assistindo, reportando e fotografando a perseguição e captura dum grupo

inimigo. Foi a melhor propaganda para a tropa a cavalo. Também em finais de 1969 os atiradores da CCav 2563/RC7 do Munhango do Capitão Manuel Urbano Moreira Dias foram transformados em atiradores a cavalo sendo a melhor solução para o recrutamento dum esquadrão a cavalo com pessoal europeu. Com grande espírito de corpo e de equipe, já conhecendo a zona de acção, bastou-lhes terem alguma instrução e a distribuição de um cavalo a cada militar e assim fizeram a “guerra” mais facilmente e com brilhantes resultados.

Recordo que em Angola para o principal elemento dum esquadrão, o cavalo, prepararam durante dois anos tudo quanto necessitavam em instalações, rações, arreios e também em homens. Tudo o que se passou nos Dragões de Angola está bem documentado nos testemunhos dos capitães de cavalaria que por lá passaram: Veloso, Ramires, Moreira

Dias, Cidrais, Faia e de outros ainda como Major Ferrand e Alf Costa Ferreira, Soares da Costa, Severino Lourenço, etc. e por isso não há necessidade de me alongar.

## I. A GÉNESE DO ESQUADRÃO A CAVALO EM MOÇAMBIQUE

Não posso dizer como se formou mas como surgiu. Em finais de 1972 era oficial de operações do BCav 3888 em Marrupa. Já anteriormente o TCor Pereira da Silva foi para Nampula desempenhar as funções de Comandante da Cavalaria, correspondente ao Director da Arma em Moçambique. Escreveu-me depois a informar da criação do esquadrão e a convidar-me para o lugar que estava a ser muito solicitado. Aceitei, até porque era muito difícil continuar a contactar com o major Pires Monteiro a comandar interinamente o BCav pelas razões que os mais velhos bem conhecem. Desconheço quem tratou e diligenciou no sentido de ser criado o esquadrão em Moçambique, se o TCor Pereira da Silva, se o Comandante da Cavalaria anterior, Maj Rui Bruno Pessoa de Amorim, ou mesmo anteriormente presumo pelo TCor Jorge Matias.

Segundo a História da Unidade feita mais tarde, já depois do 25 de Abril, pelo Cap Rogério da Silva Guilherme reza um despacho de 09AGO72 do Ministro de Exército e Defesa Nacional a aprovar a criação do Esquadrão a Cavalos na RMM. Ficou sediado no Centro de Instrução de Vila Pery (CIVP), o local mais indicado e conveniente para o efeito. Era o seu comandante o Major Alberto Mourão da Costa Ferreira.

Houve uma grande rapidez nas diligências seguintes, não sei se a nível do Comando Chefe, se do QG local, ou mesmo de Lisboa, porque no mesmo mês de Agosto, a 24, exactamente quinze depois do despacho do ministro, recebem-se em Vila Pery os primeiros 36 cavalos fornecidos pela firma EQUIZAD de Bulawaio. Parece não ter havido uma comissão de remonta, mas o fornecimento de 36 cavalos que já estariam requisitados. Ainda segundo a história da unidade, houve uma Comissão de Recepção constituída pelo Major Costa Ferreira, Alf Sardinha, Alf Mil Martins Alves e Alf Mil Vet Carriço da Conceição, comissão em tudo semelhante a uma comissão de remonta. Concordo inteiramente com esta celeridade no fornecimento dos cavalos, desde que houvesse condições mínimas para a recepção e mancio dos solípedes. Para tratadores dos cavalos arranjar-se “à pressão” 36 praças africanas que nem serviam para a instrução básica, conforme consta na Nota 909/C de 15SET72 assinada pelo Comandante do CIVP enviada ao CEM, 1ªREP, 3ªREP e 4ªREP com conhecimento ao Comandante da Cavalaria e Chefe do SERV. SAUDE/VET e do seguinte teor: «c. Má qualidade das praças. Os recrutas destinados ao 1º Pel são na totalidade da ER/1ªT/72 que perderam a IE da especialidade de PM, por falta de aproveitamento. Sabemos que não houve outra possibilidade obter pessoal e compreendemos as circunstâncias...»

No aparelho militar em Moçambique logo em Outubro seguinte, após a recepção da nota supra, qualquer militar responsável, não necessariamente de cavalaria, saberia que não era possível funcionar com este pessoal e nestas condições.

Na história da unidade verifica-se que com o passar dos tempos teria de haver necessariamente uma melhoria das praças. O Capitão Guilherme escreveu na história da unidade, já depois do 25 de Abril, no capítulo de Instrução: «Nas 142 praças do recrutamento do Estado, apenas 38 se verificaram os requisitos mínimos indispensáveis para a tropa a cavalo. Os restantes necessitavam ainda de serem educados e instruídos (em aspectos de higiene diária, atavio, comportamento e entendimento da língua portuguesa, etc., etc.). No entanto a estes mesmos homens era exigido, ainda sem sequer saberem conduzir-se a si próprios, que cuidassem e conduzissem um animal nobre e generoso capaz de dar o seu esforço até ao limite da morte, só se “queixando” de forma perceptível a um entendedor...». «Eram inúmeras as quedas durante a instrução, verificando-se serem resultantes da falta de conhecimento e, especialmente da falta de “carinho” no trato dos animais. Era brusco o modo como duma maneira geral a tropa africana tratava o animal. Só muito coagidos lhe prestavam os devidos cuidados mas, duvido que percebessem porque o deviam fazer. Verificava-se frequentemente, (não só porque o soldado africano constituía a maioria do efectivo, mas porque lhe faltavam qualidades para o trato de animais) que era o soldado africano muito mais escoiceado pelo cavalo que lhe estava distribuído do que o soldado europeu».

Acontece que inicialmente até com um oficial guineense, já como Tenente do QEO do Exército Português a comandar interinamente a tropa a cavalo, tinha um comportamento inqualificável, sendo um péssimo exemplo, e que por ser negro,



Imposição de bivaques aos novos militares do esquadrão a cavalo. Fonte: COR Castro Neves.

a quem as praças negras mais facilmente seguiam, para além de não entender nada de cavalos, devia dinheiro aos militares para a bebida, jogo e droga. Foi deste oficial que recebi a formatura para a entrega do comando em 03JAN73 e que tinha como adjunto um oficial de cavalaria do QP como estagiário, o alferes Ribeiro Sardinha. Conseguiu-se no mais curto espaço de tempo que fosse transferido disciplinarmente para Vila Gouveia, 150 kms a Norte.

O que por vezes melhorava a qualidade das praças era o recompletamento europeu com as praças punidas e transferidas disciplinarmente de outros locais, a maior parte delas a quem se dava um voto de confiança encarregando-as de situações que não estavam habituados, como depósito de ração, da palha (de arroz) e gradualmente promovendo-as a colaboradores inestimáveis.

## II. REMONTA

Quanto à Remonta propriamente e apesar de ter sido um quanto irregular, o cavalo foi o único ele-

mento do Esquadrão que cumpriu integralmente a função e a missão: ficar disponível para o cavaleiro. Embora os cavalos tenham sido adquiridos em condições pouco perceptíveis tinham um estado sanitário satisfatório, com condições físicas aceitáveis e grande rusticidade. Resistiram ao transporte em condições difíceis: de Bullawaio a Vila Pery eram cerca de 900 kms, não pela extensão do território da Rodésia, mas porque a linha do caminho de ferro vinha de Bullawaio no sul, passava em Sallisbury no norte e depois Untali para leste junto à fronteira e, finalmente, mais 90/100 kms até Vila Pery. Os cavalos tiveram de permanecer nos vagões pelo menos três a quatro dias. Quem dava água e os alimentava nas paragens? Prevendo-se estas condições seria possível nomear dois ou três homens para os acompanhar. Parecia estar tudo no “segredo dos Deuses” e tudo acontecer como facto consumado. Se não houve ninguém da parte da EQUIZAD na longa viagem, presumo que em pontos intermédios houvesse funcionários que lhes dessem água e alguma ração, porque embora chegassem magros e depauperados, chegaram vi-

vos! Em Vila Pery bastava um atrelado de água e algum milho na estação que ficava perto do aquartelamento para os cavalos debilitados entenderem onde seria o seu novo território. Porque os lotes eram pequenos iniciava-se de imediato o contacto com o homem que se procurava escolher entre os melhores.

O maior inconveniente da remonta não foi a falta de selecção da comissão, pois cada lote das remessas trazia uma breve resenha com a idade e pelagem geralmente castanha, com estrela ou sem estrela, calçado ou não calçado nos membros e altura ao garrote medida em mãos. Penso que a Remonta foi boa dum modo geral, pois a Rodésia teria o maior interesse em fornecer solípedes em boas condições, que aliás seriam vitais para a sua segurança próxima e exterior.

O grande inconveniente foi a chegada das sucessivas entregas. Como vem referido na história da unidade receberam-se 164 solípedes em seis entregas, durante sete meses, entre 24AGO72 e 27MAR73. Ou seja, receberam-se todos os cavalos para os três ou quatro pelotões previstos, quando ainda não havia condições para um 1º pelotão, o que não aconteceu em Angola. Antes da apresentação do 1º pelotão em 14 de Abril de 1973 ao General Comandante-Chefe já estava no Esquadrão todo o efectivo cavalar, sem haver ainda todo o pessoal e nem se saber das praças destinadas a atirador a cavalo. Na cerimónia da apresentação do 1º Pelotão muitos convidados admiravam-se de existirem tantos cavalos em condições tão precárias.

Devo referir que em Silva Porto com tudo preparado, homens, arreios e instalações, mediou entre o 1º lote de 30/40 cavalos e o 2º lote



## VII. O 1º PELOTÃO

Apresentou-se em condições condignas apesar da precariedade. Os cavalos e os 30 homens escolhidos, maioritariamente africanos, já estavam suficientemente rodados porque eram os únicos que gostavam de ter instrução. Fez-se uma demonstração, a passo e trote com cruzamento ao centro da pista, galope em círculo e para terminar um galope largo ao longo da bancada e tribuna, e sem haver quedas, apesar da má qualidade dos arreios. Melhor era muito difícil. Não posso deixar de voltar a destacar o 1º Sargento Mariano Agapito pela ajuda inestimável na apresentação como na coordenação de todas as obras que se fizeram. Ele próprio se encarregou de fazer os xaíres dos arreios dos graduados.

Se já houvesse os arreios da ordem e tivesse que apresentar 2 ou 3 pelotões seria um fracasso total, porque não havia condições de apresentar mais que um pelotão montado. Fez-se uma visita às instalações do esquadrão, que essencialmente eram:

- Os 3 alpendrados seguidos, pintados com óleo queimado e devidamente caiados nos topos; era necessário, “massa consistente” para tapar os buracos da ferrugem que iam surgindo nas chapas dos bidons;
- A cavalaria nova era contígua com o propósito de demolir os alpendrados existentes. - O novo bebedouro de alvenaria nas proximidades da nova cavalaria.

No topo ficava um picadeiro descoberto. Vários cercados à volta onde foi semeado “star grass”, uma erva que servia de pasto e

balastro aos animais. Ao fundo um estádio das cerimónias militares. Tudo isto à excepção da cavalaria de alvenaria, foi feito pelo pessoal do esquadrão. O refeitório e casernas eram do Centro de Instrução.

## VIII. CONCLUSÃO

As condições dos cavalos em Angola e Moçambique foram muito diferentes. Alertei o comando para as duas principais dificuldades: a necessidade da substituição da maioria das praças africanas e a substituição do granulado feito com a farinha de peixe. As outras dificuldades iam-se gradualmente solucionando. O aspecto de alguns cavalos era péssimo, com conjuntivites nos olhos motivadas pelo pó da farinha e com os lábios cortados pelas rebarbas dos bidons, enquanto não se construiu o novo bebedouro. Os próprios “cagados” usualmente da cor e forma de pasteis de bacalhau, cheiravam mal e eram uma espécie de papa cinzenta. Insisti a médio prazo na substituição da maioria das praças africanas e a curto prazo na substituição da ração. Não houve possibilidade ou vontade de resolver e minorar estes dois assuntos prioritários de uma forma rápida.

Ao apresentar-me no Esquadrão a Cavalos em formação, sabia que teria muitas dificuldades iniciais. Estaria esperançado que gradualmente se atenuassem. Mas por um lado não se substituir a grande maioria das praças que preferiam ir trabalhar nas obras do esquadrão a ter instrução ou lidar com os cavalos, e por outro manter uma ração sem qualidade com farinha de peixe para que através da alimentação dos cavalos obtivessem outros meios para a organização do próprio es-

quadrão, era uma solução que discordava.

Face à proximidade da cerimónia de apresentação do 1º Pelotão, comprometi-me a fazê-la, solicitei a minha substituição logo que fosse conveniente. Fui substituído depois pelo Capitão Castro Neves. Tive muita pena de ter deixado os Cavalos, tanto mais que chegaram os arreios da ordem no mês seguinte, e gradualmente algumas das dificuldades iam-se resolvendo.

Embora acompanhasse a evolução posterior do esquadrão (passei a comandar o esquadrão de instrução e um esquadrão blindado, com Chaimites e AML Panhard no CIVP), julgo ter dado um passo em frente perante as altas entidades militares para a continuação e progressão da futura tropa a cavalo em Moçambique.

Com as condições existentes em Maio/Junho de 73, nunca se deveria ter avançado para o 2º e 3º pelotões, enquanto não estivessem resolvidos o problema das cavalariças definitivas, uma ração melhorada e a selecção das praças destinadas à tropa a cavalo. Neste caso só o entusiasmo e a celeridade não favoreceram a concretização duma realidade.

Juntamente com os outros oficiais de cavalaria não deixámos cair um projecto que era de muito interesse para a cavalaria, mas – mal programado que estava – condenado por falta de coordenação da organização militar. Todos tiveram a esperança com o tempo e com a melhoria gradual das condições, os seguidores encontrariam menos e menores dificuldades. A viabilidade total só não surgiu com os acontecimentos do 25 de Abril.

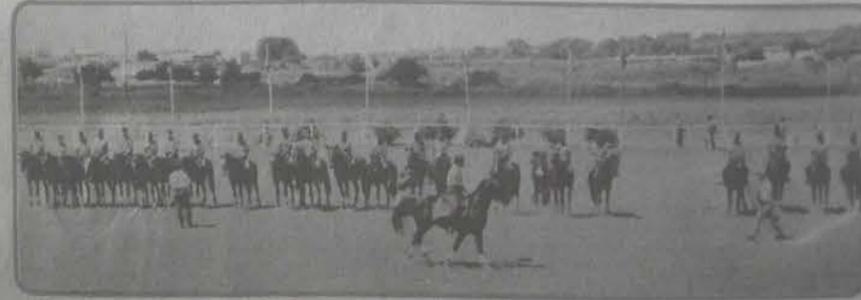
Após Abril de 74, creio que em Agosto, receberam-se no quartel

## A CAVALARIA Retoma as suas tradições

### • O CAVALO — UMA ARMA DA CONTRA-GUERRILHA



O ESQUADRÃO DE CAVALARIA 4, é o primeiro Esquadrão a cavalo em Moçambique. Terminou a sua formação em Vila Pery, a 14 de Abril de 1973. Presidiu à cerimónia o General Kadiza de Arriaga, Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique, tendo procedido, num acto de significado



Divulgação em publicação da Região Militar de Moçambique. Fonte: COR Castro Neves.

directivas superiores para delegações da Frelimo poderem contactar os militares do Exército português que eram na sua maioria praças africanas. Os poucos europeus em oficiais, sargentos e praças tiveram de assistir a cenas que não estavam minimamente preparados e nunca poderiam imaginar. Gradualmente a situação ia-se degradando e nada se sabia do aconteceria no dia seguinte. A população branca da cidade interrogava-se do rumo a seguir. O

especial, à colocação dos bivaques aos novos cavaleiros portugueses.  
O Comandante do Centro de Instrução historiou em breves palavras a evolução da Arma da Cavalaria, realçando a importância que o cavalo pode vir a ter neste tipo de guerra subversiva.

São suas as seguintes palavras:  
«Sendo outrora a Arma decisiva dos campos de batalha, a Cavalaria a cavalo deixou de ter possibilidades de cumprir as suas missões tradicionais, face ao desenvolvimento progressivo dos aviões de combate, blindados e artilharia.  
A partir da guerra de 1914-1918, foi extinta em quase todos os exércitos, para dar lugar às novas unidades blindadas de reconhecimento.

Portugal acompanhou a evolução da época e quando em 1961 se iniciou a subversão em Angola, já não dispúnhamos de quaisquer unidades a cavalo.

Entretanto, tendo-se vindo a constatar a falta que as unidades de cavalaria fazem neste tipo de guerra, de características tão diferentes da guerra convencional, foi criado no ano de 1968 o primeiro Esquadrão a Cavalo em Angola, a título experimental.

Posteriormente, já foram criados mais dois Esquadrões naquele Estado e, presentemente, assistimos igualmente ao ressurgimento da Cavalaria em Moçambique.

BCC felicita os novos Soldados da nobre Arma de Cavalaria desejando ao Esquadrão os maiores êxitos, e que renove em terras de Moçambique as magníficas façanhas de Mouzinho de Albuquerque, imortal Patrono do Corpo a que pertencem.

da Frelimo no quartel em que procurava que os delegados da Frelimo responsáveis impedissem excessos que se iam verificando. É sempre difícil entender e fazer passar esta linguagem de conceitos em dialectos para quem falava mal português, nem se sabia o que os intérpretes diziam. Confesso que eu não era a pessoa mais indicada para o efeito.

Não assisti portanto ao desbaratar e ao fim do Esquadrão a Cavalos. A minha bagagem com o nome e posto esteve no cais da Beira durante longos meses ao sol e à chuva. Foi arrombada e saqueada e uma mala de porão que tinha sido esventrada, recebi-a no verão de 75 recolhida pelo alferes milº Carlos Vieira que a fez seguir para Lisboa. Dos meus pertences que desapareceram e mais me interessava era o Diário da Comissão de Moçambique, onde anotei elementos da formação do BCav3888, a passagem no Niassa, mas principalmente o Esquadrão a Cavalos na organização, instrução e depois em vias de desaparecimento. Felizmente por um lado, já não posso ler o que em tão más horas escrevi e assisti.

Julgo que os militares do QP que tinham a seu cargo tropas africanas e tiveram de assistir à presença de guerrilheiros armados nos seus próprios quartéis, e viram o desmoroçar das províncias ultramarinas não podem deixar de sentir um misto de revolta de raiva e de humilhação.



destino dos cavalos era incerto, mas adivinhava-se facilmente. Os meses de trabalho que começavam a resultar, perderam-se, foram drasticamente interrompidos e foi tudo abandonado. Já não assisti ao desbaratar dos cavalos que foram entregues à população em condições que desconheço e com um destino que é fácil de adivinhar.

Sai de Vila Pery para regressar à metrópole no início de Setembro de 1974 e só assisti aos encontros

## Dragões de Angola – Uniforme, Armamento e Equipamento

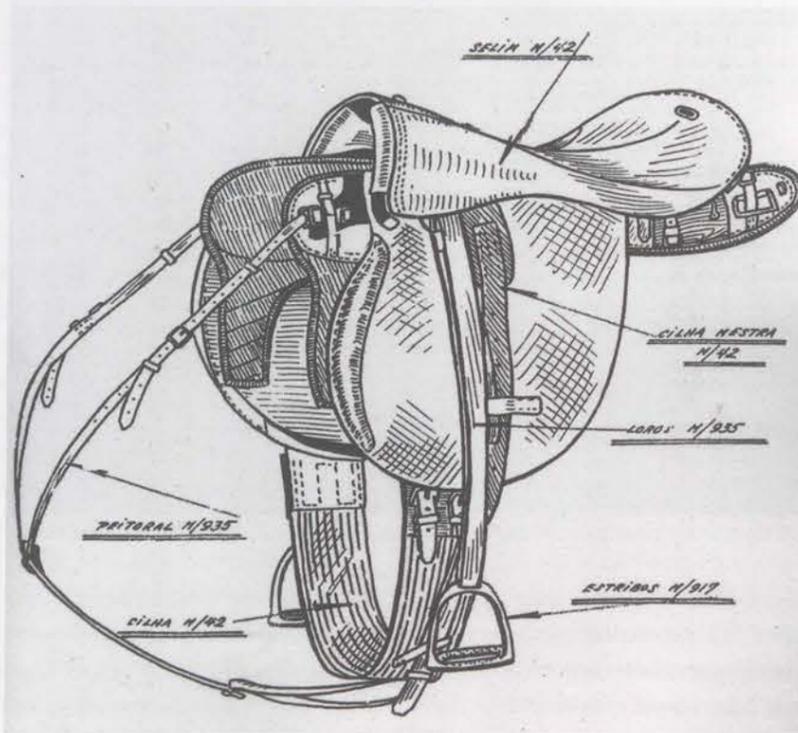
O Uniforme usado pelos militares era o Uniforme de Campanha m/964, com camisa ou dolman, o calçado mais usado eram as botas pretas modelo/967 usadas com polainas. Quanto à cobertura de cabeça, houveram várias propostas no sentido do quico ser substituído por um chapéu de abas largas para proteger melhor, uma vez que a cavalo, o militar ficava acima do capim e por isso não desfrutava da sombra que este proporcionava.

O Armamento consistia na Espingarda Automática G-3 7,62mm para Oficiais, Sargentos e Praças. Mais tarde foi usada a espingarda automática G-3 com coronha retráctil igual à usada pelas tropas paraquedistas. O transporte da G-3 fazia-se consoante era improvável, provável ou iminente o contacto com o Inimigo. Quando o contacto era improvável, a G-3 era transportada no respectivo suporte que podia ser colocado à frente ou à retaguarda da sela. (O transporte da espingarda automática G-3 a cavalo foi sempre um assunto que mereceu muita atenção mas que esteve longe de ser completamente resolvido). Quando o contacto com o inimigo era provável ou iminente a G-3 era empunhada com a bandoleira cruzada no tronco. Mais

tarde adoptar-se-ia o emprego da pistola walther que seria empunhada municiada permitindo uma resposta quase instantânea a qualquer ameaça. Segundo vários veteranos a G-3 nunca era “sacada” enquanto a cavalo, sendo a pistola a arma por excelência para as acções a cavalo. A G-3 era essencialmente empregue nas operações apeadas. Não era

vulgar as unidades a cavalo usarem armamento pesado tais como metralhadoras ligeiras ou morteiros, no entanto nalgumas operações de maior risco, foi levado o Morteirete.

O Equipamento para o cavalo consistia no “Arreio para cavalo Oficial e Praça m/938” constituído pelas seguintes peças de equipamento:



ARREIO DE CABEÇA		ARREIO DE MONTADA	
- Barbela m/77	1	- Cilha M/42	1
- Cabeçada m/41	1	- Cilha mestra m/42	1
- Freio-bridão m/935	1	- Estribos M/917	2
- Rédea m/903	2	- Loros m/935	2
		- Peitoral m/935	1
		- Selim m/42	1

TENCOR Cav MIGUEL FREIRE  
G3 Cmd Brig Mec

### OUTROS ARTIGOS

Relativo à alimentação:	
- saco de boca e para ração m/935	1
- saco de boca m/914	1
Relativo à limpeza:	
- luva	1
- brussa	1
- almofaça	1
Relativo à conservação:	
- cobrejão m/935	1

Como é visível nas fotografias e que aliás é característico das forças em campanha, existia bastante flexibilidade para a forma como cada militar aparelhava o seu cavalo e qual o equipamento individual, para além do obrigatório, trazia consigo. No entanto, existiam pequenas regras (comuns a quase todas as tropas montadas ao longo da história): era feito um “malote” para cavaleiro e um outro para o cavalo.

#### “MALOTE” DO CAVALO

- cobertor;
- coberjão

#### “MALOTE” DO CAVALEIRO

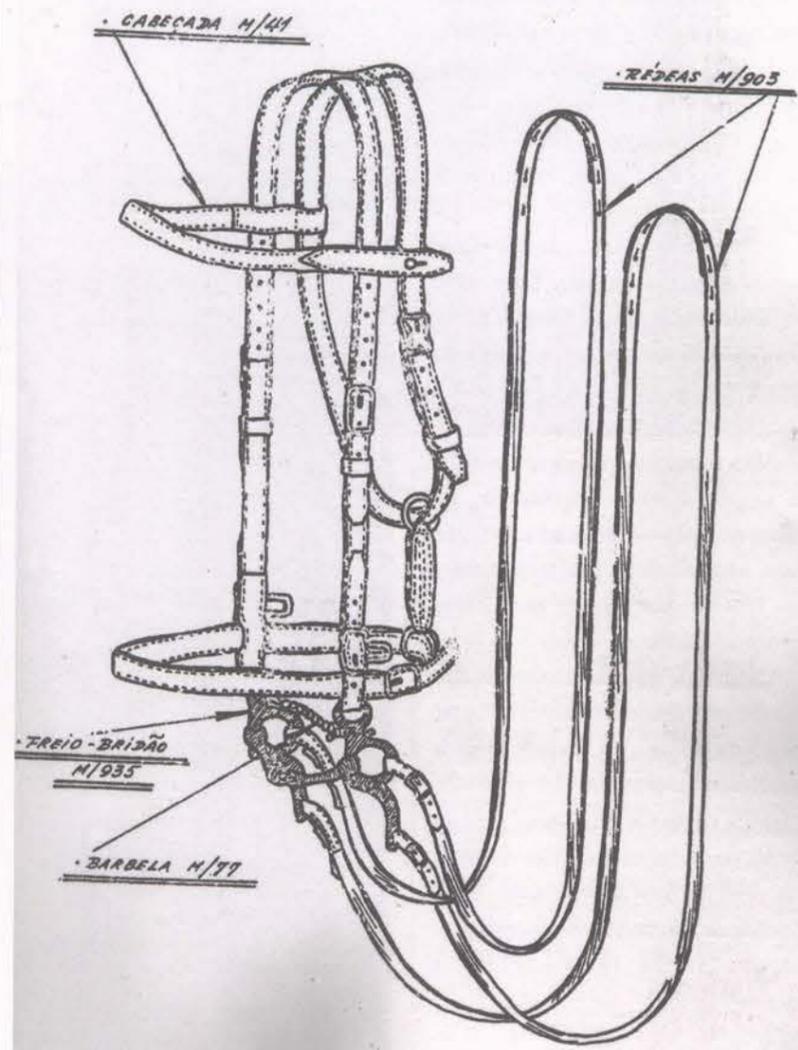
- pano de tenda
- cobertor
- tenda 3P
- muda de roupa interior (eventual)

A acrescentar a estes malotes havia o transporte da ração do homem e do cavalo para um período de cerca de cinco dias. No início da operação, o cavalo transportava consigo cerca de 18Kg ou 22,5Kg de ração granulada, já dividida em pequenos sacos de plástico, para cada refeição, preservando-a da humidade. Para o homem era distribuído uma ração de combate por dia. Por vezes transportava-se um suplemento da

### EQUIPAMENTO PARA O MILITAR:

- Cinturão	1
- Suspensórios	1
- Porta-carregadores	2
- Bornal	1
- Cantil	1
- Marmita	1
- Porta-granadas	1
- Poncho	1

ração (para os homens e cavalos) em cavalo de baste, que também podiam ser usados como cavalos de reserva, para substituição de algum doente ou sofrendo de graves assentaduras.



### A OPINIÃO DO ADVERSÁRIO

A opinião que o adversário tinha sobre as tropas a cavalo está bem patente numa parte duma carta apreendida junto da fronteira com a Zâmbia.

#### “CHIFUMAGE – SECTOR 2 1/9/71

Hoje escrevemos esta carta ao Comandante IKO.

Em primeiro lugar, saudações e cumprimentos.

Sim, todos nós estamos aqui a dormir, afinal nós viemos de CASSAMBA para aqui para nos juntarmos ao camaradas e você









o Curso Superior de Guerra, na Escola de Guerra de Paris e que dirigiu os trabalhos dos seus alunos do curso de estado-maior para elaborar e publicar os «Apontamentos para o Emprego das Forças Militares em Guerra Subversiva» que constituiu a base do manual «O Exército na Guerra Subversiva» publicado em 1963 pelo Estado-Maior do Exército e com uma edição corrigida em 1966. Está organizado em volumes: I- Generalidades; II- Operações contra bandos armados e guerrilha, III- Acção Psicológica; IV- Apoio a autoridades civis; V- Administração e Logística.

Apoiado na melhor bibliografia nacional e estrangeira sobre o tema, a sua principal característica é a clara responsabilização da instância política pelos objectivos das acções militares na guerra contra-subversiva e a subordinação da manobra militar à manobra de conquista das populações. A história do conflito que as Forças Portuguesas travaram em África comprovou a certeza destes conceitos que continuam válidos ainda hoje.

Como julgo fundamental para os militares conhecerem o seu povo aqui vão alguns livros e autores que contribuíram para eu conhecer melhor os portugueses:



## 2. «A Peregrinação», de Fernão Mendes Pinto

É o lado de trás d'Os Lusíadas, o seu contra-ponto. Em minha opinião é o grande livro dos portugueses que andaram pelo Mundo. É claro que gostamos mais de nos ver

retratados pelo Camões do que pelo Fernão Mendes Pinto, com quem os idealistas fizeram um trocadilho: Fernão, Mentos? Minto! — muito injusto. A imagem dos portugueses e de Portugal é muito mais verdadeira n' «A Peregrinação» do que n' «Os Lusíadas». Somos o que somos e não somos certamente de brandos costumes. Se assumirmos as nossas qualidades e defeitos sem o tal manto diáfano que cobre a verdade talvez sejamos capazes de enfrentar os problemas e as dificuldades com mais eficácia. Convém conhecermo-nos.

## 3. «História de Portugal», de Alexandre Herculano

Que é afinal uma História sobre a formação de Portugal, pois vai apenas até ao reinado do rei Afonso III. É dos tais livros essenciais para nos conhecermos sem hipocrisias.

Tenho uma especial predilecção por Alexandre Herculano, um dos grandes vultos da cultura e da História do nosso país e que, como acontece com quase todos os nossos melhores, está esquecido e muito fora dos circuitos de referência. Alexandre Herculano foi soldado, combateu pelas suas convicções liberais contra o governo ditatorial do rei Miguel I, contra o ultramontismo reaccionário das classes possidentes e do clero, esteve exilado no estrangeiro, juntou-se ao exército liberal do rei Pedro IV e desembarcou com ele no Mindelo. Depois foi o historiador que introduziu em Portugal conceitos de cientificidade na análise histórica contra aqueles que queriam continuar a fazer da História uma saga carregada de fantasias. Alexandre Herculano ajudou-nos a saber quem somos. Foi também o introdutor em Portugal da narrativa histórica,

que estava a ser desenvolvida na Europa, em especial por Walter Scott, o escocês autor de «Invanhoe». Escreveu entre outros romances «Eurico, o Presbítero» e o «Monge de Cister». Apesar de estreitamente ligado aos círculos do novo poder liberal, recusou fazer parte dos governos e dispensou honrarias e condecorações, preferindo retirar-se progressivamente para um exílio que tinha tanto de vocação como de desilusão, acabando por se instalar na quinta de Vale Lobos (Azóia, Santarém). A sua «História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal», dá-nos uma visão crua da nossa intolerância, da nossa violência, que contrasta com a imagem idealizada do português como um ser suave, tolerante e aberto. É uma obra, tal como a «Peregrinação», que nos deve servir de espelho, embora a imagem que obtemos de nós possa não ser a mais agradável.



## 4. «Os Maias» de Eça de Queiroz.

No mano a mano literário entre Eça e Camilo Castelo Branco sou decididamente pelo Eça, pelo retrato que ele faz da sociedade e das classes dirigentes portuguesas. Eça, representativo de uma geração estrangeirada, reflecte-nos com o tal fato de que falava nas cartas a Ramalho Ortigão, de rurais urbanizados à pressa. Um fato que

nos fica curto nas mangas, comprimido nas pernas e apertado na barriga. O monóculo de Eça é um bisturi que nos mostra as nossas piores intimidades. Eça é, para mim, o único grande romancista português com lugar numa história universal do romance. Do resto o que temos são bons escritores. A ditadura, com a sua mesquinhez e a sua visão paroquial de Portugal fechado sobre si mesmo, imune aos ventos da História, isto é, aos outros, não deixou respirar as artes, nenhuma delas. Os melhores, ou os mais corajosos foram os que se exilaram e deles, julgo que Rodrigues Miguéis era o mais talentoso. Dos que ficaram, e desse período da ditadura, o que mais me desafia é Vergílio Ferreira com os seus diários a que deu o título de «Conta-Corrente» e os romances «Manhã Submersa» e «Aparição» dos anos 50 e «Para Sempre», este dos anos 80.

## 5. «A Noite e o Riso», de Nuno de Bragança.

Do período da ditadura é ainda o romance «A Noite e o Riso», de Nuno de Bragança, um aristocrata com ascendência verificável, que publicou este livro decisivo para a nossa modernidade literária. «A Noite e o Riso» alia a experiência surrealista a certas tendências do «nouveau roman» francês, desenvolvendo uma experiência pessoal de educação e boémia no ambiente da luta contra o regime de Salazar. Alguma da escrita dos novos “génios” modernos, de que Miguel Esteves Cardoso é o paradigma, é devedora do verdadeiro génio de Nuno de Bragança. É dele um outro romance dentro do mesmo estilo «Directa», que nos ajuda a perceber a inquietação humana através da deambulação urbana, política, militante e erótica, e insistindo na com-

ponente social da desarticulação íntima dos valores e dos sentimentos.

Pertencço à geração de África, à última geração de África. Foi nesse continente e na guerra que me formei e são ainda de lá que carrego as mais fortes recordações da minha vida. Sou da geração dos que sonharam que um dia seriam como os heróis franceses dos livros de Jean Larteguy, que eram vendidos através dos serviços culturais da Academia Militar.

## 6. A trilogia «Os Centuriões», «Os Pretorianos» e «Os Mercenários» de Jean Larteguy.

Jean Larteguy é o pseudónimo de um francês que, como muitos outros homens de várias nacionalidades, combateu em diversas batalhas e guerras e depois aproveitou essa experiência como escritor de ficção e repórter. Jean Larteguy combateu pela França Livre durante a II Guerra Mundial, esteve em Espanha, onde foi preso pelos franquistas, voltando ao seu país para integrar o 1º Grupo de Comandos. Foi condecorado com a Legião de Honra, com duas Cruzes de Guerra e como repórter da revista Paris-Match foi testemunha e actor em muitos dos conflitos dos pós-II Guerra resultantes das descolonizações europeias. Esteve na Coreia, na Indochina, nas revoluções da América Latina. Esta trilogia trata das guerras coloniais e das descolonizações feitas pela França na Indochina e na Argélia.

## 7. «À Espera dos Bárbaros», de JM Coetzee e «Vem Comigo», de Nadine Gordimer.

São dois romances de dois escritores sul-africanos que ganharam o prémio Nobel. Estes romances

permitem-nos conhecer por dentro o que foi o regime de apartheid, a relação entre os brancos e os negros na África austral e a injustiça e a indignidade fundamental em que assentavam, potencialmente geradora de conflitos de difícil gestão que só a grandeza de Nelson Mandela permitiu ultrapassar sem os deixar cair nas tragédias tão infelizmente vulgares em África.

Sobre África e as aventuras dos europeus por lá, enriqueci-me com a leitura de «O Coração das Trevas», de Joseph Conrad, o livro que serviu de base ao Apocalypse Now e a «Viagem ao Fim da Noite», de Celine. Através deles perceberemos um pouco melhor a África de língua francesa, que tem no livro de viagens, que não é um romance, mas se lê como tal «Exterminem Todas as Bestas» do sueco Sven Lindqvist, uma descrição crua e dura dos primeiros tempos da ocupação europeia da África Central após a Conferência de Berlim. Ficamos com uma ideia diferente da bondade e da civilidade dos povos nórdicos...

Por fim, o prazer total da leitura com o «Adeus às Armas» de Ernest Hemingway.



## Desenrolar o Cavalo

A Revista da Cavalaria (re)inicia no ano de 2009 uma nova Secção destinada à Equitação, desporto base na identidade cultural, física e histórica da nossa arma.

O conjunto dos artigos que neste número se inicia visa desenvolver e aprofundar os conhecimentos dos cavaleiros e conta com a coordenação técnica da Secção de Ensino de Equitação do CMEFD.

Abordar a temática “Desenrolar o Cavalo”, deve ter sempre subjacente o conceito de Aquecimento.

Vários são os autores que definem o aquecimento como um conjunto de exercícios, ou de movimentos, que se realizam antes de executar uma actividade ou treino, para adquirir um estado desejável de preparação das capacidades físicas, psíquicas e técnicas. Iniciando o trabalho com vista a obter o tal estado desejado.

Partindo desta definição, importa efectuar uma distinção entre o aquecimento geral e o específico.

O aquecimento geral assenta em exercícios que servem para aquecer os grandes grupos musculares, sistemas e funções, com vista à obtenção da descontração muscular e psíquica. O aquecimento geral deve preceder sempre o específico.

O aquecimento específico complementa o aquecimento geral, devido à sua especificidade são efectuados movimentos que servem para aquecer os grupos musculares que actuam em relação directa com a actividade em questão.

Atendendo ao apresentado anteriormente, um cavaleiro quando vai iniciar o trabalho do seu cavalo deve começá-lo com o desenrolar, escolhendo um conjunto de exercícios para que ele possa iniciar a lição propriamente dita.

O desenrolar tem como objectivo predispor física e psiquicamente o cavalo, na medida em que favorece:

- Aumento do ritmo metabólico;
- Aumento progressivo da frequência cardíaca;
- Aumento da elasticidade dos músculos, tendões e ligamentos;
- Aumento da coordenação intramuscular;

- A predisposição psicológica para o exercício;
- A diminuição do tempo entre a contracção e descontração muscular (período de latência);
- O aumento da mobilidade articular;
- O atraso da formação de ácido láctico e da sua eliminação.

Consequentemente, fruto dos factores anteriormente enumerados, verifica-se:

- Redução do risco de lesões
- Diminuição da fadiga
- Facilita a concentração no trabalho/exercício a desenvolver.
- Aumento da força muscular;

Para conseguir atingir estes benefícios, devemos orientar o aquecimento com vista a obter os três primeiros pontos da Escala de Treino, ou do Cavalo Bem Trabalhado: Ritmo, Souplesse e Contacto. Pretendemos no nosso ca-

valo, regularidade dos andamentos, flexibilidade, facilidade e simetria das encurvações e um contacto constante, leve e elástico, para o cavalo se instalar na mão, como preconizado no Regulamento de Ensino.

Atendendo que no desenrolar pretende-se a obtenção da predisposição muscular e psíquica do cavalo. No aquecimento do cavalo, já devemos ter bem presente qual o tipo de trabalho a fazer na segunda fase, pois temos de encontrar o ritmo no aquecimento para o tipo de trabalho que desejamos efectuar.

Será importante realçar que, “o desenvolvimento da elasticidade muscular é muito importante no trabalho do cavalo, pois quanto mais um músculo conseguir distender, maior será a sua capacidade de contracção e maior será a possibilidade de contracção dos músculos que actuam em sentido oposto,” como está preceituado no Livro de Hipologia da Capitã MedVet Ana Teresa Silva.

Sabendo que, para existir uma maior capacidade de contracção do músculo para produzir força, deve ter sido sujeito previamente, a um período de distensão, ou seja, o movimento inverso. Surgem assim um conjunto de exercícios basilares com o objectivo de desenrolar o cavalo assente na distensão muscular.

Os exercícios devem começar por um período de passo livre, permitindo uma maior liberdade ao cavalo. Passar de seguida para a procura do Ritmo, Souplesse, e Contacto, variando os andamentos do cavalo, pelo passo, trote e galope, e efectuando diversas figuras de picadeiro, tais como, círculos, serpentinas, voltas directas e voltas inversas. Nesta fase as transições

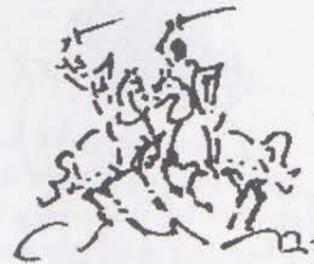


deverem ser mais suaves, procurando sempre a extensão.

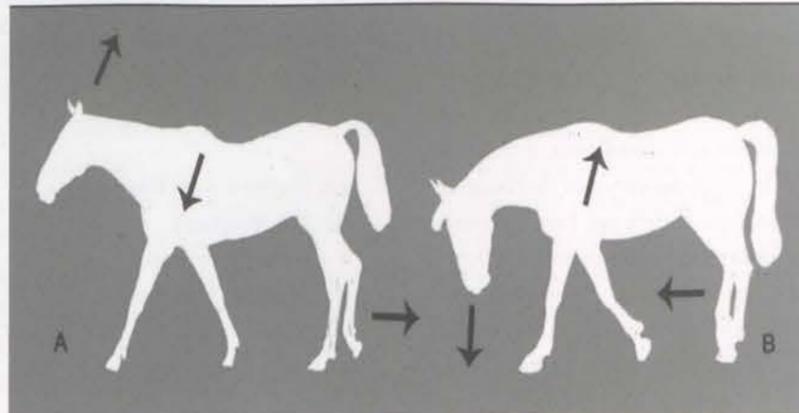
Revestindo-se o desenrolar do cavalo de uma importância vital para o sucesso na fase seguinte da lição, desta forma, despenda algum tempo para relaxar o seu cavalo física e psiquicamente. O trabalho realizado em tensão é de evitar. Sempre que encontrar uma resistência mais pronunciada e prolongada do cavalo, analise qual o motivo desta resistência anormal (na maioria das vezes, originadas por problemas físicos) e focalize-se novamente na reposição de alguma das condições perdidas pela alteração registada no seu cavalo, restabelecendo o ritmo pretendido, a souplesse ou o contacto.

Dependendo do trabalho pretendido, tenho de adequar o aquecimento ao tipo de trabalho que vou realizar seguidamente, logo devemos ter sempre presente que, na parte principal do trabalho, quer

seja a trabalhar no plano, a saltar, ou a fazer galopes, o nosso cavalo necessita que os seus músculos contraíam uma quantidade de vezes muito elevada. Logo, vamos proporcionar-lhe no desenrolar, relaxamento e extensão muscular.



CAP JORGE SANTOS  
EPC



## Escola Prática de Cavalaria



### EXERCÍCIO "ADAMASTOR II" NO CAMPO MILITAR DE SANTA MARGARIDA

Entre 12 e 16JAN09, realizou-se no Campo Militar de Santa Margarida, o Exercício "Adamastor II". No Exercício participaram 135 militares, dos quais 112 formandos do 3.º CFGCPE 2008, 10 formadores do Esquadrão de Formação e 13 militares do Comando/Secção de Quartéis.

Durante o Exercício realizaram-se diversas actividades, nomeadamente, provas topográficas (uma diurna e uma nocturna), um dia de sobrevivência que terminou com a realização de uma pista de exfiltração, instruções de técnica individual de combate e técnica de combate de secção, demonstração de luzes e ruídos, e a tradicional marcha apeada nocturna do Campo Militar de Santa Margarida até à Escola Prática de Cavalaria.

### JURAMENTO DE BANDEIRA DO 1.º CURSO DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS RV/RC 2009



Realizou-se na EPC, em 06MAR09, o Juramento de Bandeira do 1.º Curso de Formação de Sargentos RV/RC 09. Nesta Cerimónia presidida por S.Ex.a o Tenente-General José Carlos Cadavez, jurou Bandeira um efectivo de 49 instruídos que terminaram, desta forma, a sua Preparação Militar Geral. No decorrer da Cerimónia, na qual estiveram presentes muitos familiares dos soldados instruídos, foram impostas as boinas e entregues os prémios do instruído melhor classificado geral, melhor classificado masculino e melhor classificado feminino. A Cerimónia terminou com uma demonstração de actividades do Esquadrão

de Formação que englobou a educação física, técnica individual de combate e ordem unida, entre outras actividades do âmbito da formação militar.

### EXERCÍCIO "DUREZA" NA ÁREA MILITAR DE S. LOURENÇO



Entre 23 e 27MAR09, realizou-se o primeiro exercício, da série "Dureza", na região adjacente à Escola Prática de Cavalaria - Área Militar de S. Lourenço. No Exercício participaram 315 militares, dos quais 287 formandos do 1.ºT/CFS de 2009, 16 formadores do Esquadrão de Formação e 12 militares do Comando/Secção de Quartéis.

Do programa constaram diversas actividades, nomeadamente, um dia de sobrevivência que culminou numa pista de exfiltração, instruções de técnica individual de combate e técnica de combate de secção, demonstração de luzes e ruídos e uma marca nocturna. Para além destas actividades, constantes ao longo desta série de exercícios "Dureza", adaptaram-se as tradicionais provas topográficas a um prova de patrulhas, na qual os formandos, para além da prática da topografia, foram alvo de avaliação em todas as matérias do curso, bem como, testados nas suas capacidades de liderança e camaradagem.

### CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS DO DIA DA ARMA DE CAVALARIA E 119.º ANIVERSÁRIO DA EPC



A EPC comemorou, em 17ABR09, o 119.º aniversário da sua criação, cumulativamente com o dia da Arma de Cavalaria. Na Cerimónia, presidida por S. Ex.a o General CEME, General José Luís Pinto Ramalho,

estiveram presentes individualidades militares e civis.

O programa das Comemorações iniciou-se com a realização de um concerto pela Banda Sinfónica do Exército, em 15ABR09, no Teatro de S. Pedro, em Abrantes. No dia principal das Comemorações - 17ABR09 - realizou-se a Cerimónia Militar, após o que foi inaugurada a "Colecção Visitável da Cavalaria", por S. Ex.a o General CEME. Foi ainda apresentado, na Parada Chaimite, o Carro de Combate Leopard 2 A6, recentemente introduzido no Exército Português, seguido de uma apresentação da Reprise de Mafra que teve lugar no Campo de Obstáculos da Escola.

As Comemorações terminaram com o tradicional almoço convívio que juntou militares e, em particular, cavaleiros das diversas unidades da Arma que participaram no evento, bem como, militares na situação de reserva e reforma.

### SEMINÁRIO SOB O TEMA "AS ESCOLAS PRÁTICAS - SUA MISSÃO E ORGANIZAÇÃO"



Realizou-se no dia 29 de Abril de 2009, no auditório da Escola Prática de Cavalaria, um Seminário subordinado ao tema "As Escolas Práticas - sua missão e organização".

Este evento, integrado nas comemorações do Dia da Arma de Cavalaria e do 119.º Aniversário da EPC, foi organizado em parceria com a Revista da Cavalaria e presidido pelo Exmo. Director Honorário da Arma de Cavalaria, MGen Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros.

Com o objectivo de definir um eventual modelo de Escola Prática, o Seminário contou com a participação de vários oradores, designadamente, o Chefe de Estado-Maior do CID, o Sub-Director da DF/CID, e os Directores de Formação da EPI, EPC e EPS. Os Ex.mos MGen Alfredo Piriquito e MGen Anibal Flambó moderaram os dois painéis constantes do programa, tendo as conclusões do Seminário sido efectuadas pelo Maj Cav Henriques, representante da Revista da Cavalaria.



## Regimento de Lanceiros nº 2

### PROMOÇÕES NO RL2

Em cerimónias que decorreram no RL2 no período de Janeiro a Abril do corrente ano, foram promovidos ao posto imediato, nas datas que se indicam, os seguintes militares: 2Sar SSM, Edgar Falé em 05Jan09; Fur RC SMAT, Artur Ramos em 15Jan09; 1Cabo RC PE, Tiago Morgado em 21Jan09; 2Sar RC PE, Hugo Fernandes em 02Fev09; 1Cabo RC PE, Nuno Mourão em 11Fev09; 1Sar CAV, Mário Martins em 11Mar09.

O Exmo. Comandante e o Adjunto do Comandante efectuaram as imposições das divisas dos novos postos, proferindo o Exmo. Comandante algumas palavras alusivas ao significado do acto e desejando as maiores felicidades aos militares promovidos.

### ALMOÇOS DE COMPANHIAS DE POLÍCIA MILITAR

O RL2, no âmbito da sua actividade de Protocolo e Relações Públicas, apoiou diversas iniciativas de convívio de antigos militares de Companhias de Polícia Militar, que foram destacados para as Campanhas Ultramarinas.

Dos programas constaram os cumprimentos ao Comando, Missas na Capela do RL2, Cerimónias de Homenagem aos Mortos pela Pátria e visitas ao núcleo Museológico e Unidade, aos quais se seguiram os almoços no Refeitório das Legendas.

### CERIMÓNIAS DE ENTREGA DE LOUVORES

Perante Formatura Regimental na parada Marechal Carmona, procedeu-se em cerimónias simples mas cheias de significado, à entrega de Diplomas de Louvor a militares do RL2, louvados pelo Exmo. Comandante do RL2 Coronel de Cavalaria Rui Jorge do Carmo Cruz Silva.

Assim, no período de Janeiro a Abril de 2009 foram louvados os seguintes militares: Cap Cav, Hugo Pamplona de Sousa do 1.º EPE; Ten RC PE, Vitor Hugo Duarte Valagão, do ECS; Ten RC PE, Rui Manuel Pinto Gomes, do 1.º EPE; 1Sar RC, Ed Fís, Susana Raquel P. Calado, do ECS; 1Sar RC Rec Expl, Luis Miguel P. Carmona, do ECS; 1Sar Svc Saúde, Paulo Dias, do ECS; 1Sar Cav, António Manuel G. Faustino, do ECS; 1Cabo RC PE, Jorge Almeida do ECS; Sold RC SAM, Cidália Araújo do ECS.

O Excelentíssimo Comandante do RL2, procedeu à entrega dos Diplomas, tendo saudado todos os militares e formulado votos das maiores felicidades nas suas carreiras e na vida pessoal e familiar.

### CERIMÓNIA DE ENTREGA DE PLACA DO EXÉRCITO

Em 04 de Fevereiro de 2009 perante

Formatura Regimental na parada Marechal Carmona, procedeu-se numa cerimónia simples mas cheia de significado, à entrega ao 1Sar QA Res, José Manuel Amado dos Santos, a Placa do Exército e os Diplomas do MDN e do Comando do Pessoal, alusivos à passagem à situação de Reserva em 01Set05, ao fim de 29 anos ao serviço do RL2 e do Exército Português.

O Excelentíssimo Comandante do RL2, procedeu à entrega da Placa do Exército, tendo saudado o 1Sar Amado dos Santos e formulado votos das maiores felicidades para a sua vida pessoal e familiar agora que terminou o sua prestação de serviço efectivo no RL2 e no Exército Português.

### COMEMORAÇÃO DO 176.º ANIVERSÁRIO DO RL2

O RL2 comemorou em 06 de Fevereiro de 2009 o 176.º aniversário da sua criação.

Presidiu à cerimónia Exmo. Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Luís Pinto Ramalho.

Estiveram presentes várias individualidades militares e civis.

Do programa das comemorações destaca-se a realização de uma Missa na Capela do RL2 e uma demonstração de meios do Regimento, onde se realça a participação do Elemento de Defesa Biológica e Química do Exército.

No apoio às cerimónias o RL2 contou com o apoio da Banda do Exército e Fanfara do RAAI.

Na parada Marechal Carmona foi apresentada uma demonstração da actividade de Polícia do Exército, com a participação do Grupo de Polícia do Exército, oferecendo a todos quanto assistiram uma mostra das valências do Regimento e da PE.

Após a cerimónia militar as entidades presentes efectuaram uma visita ao Museu do RL2, seguindo-se um almoço/convívio no Refeitório Geral, fomentado pela sã camaradagem e convivência entre os Lanceiros e todos os convidados.

### IMPOSIÇÃO DE CONDECORAÇÃO

No decorrer da cerimónia das comemorações do 176.º aniversário dos Lanceiros por S. Ex.a o Chefe de Estado-Maior do Exército, General José Luís Pinto Ramalho foi imposta no Estandarte do RL2 a condecoração da Ordem de Aviz. Esta foi conferida ao RL2 por Alvará de 14 de Janeiro de 2009, de Sua Excelência o Presidente da República e Grão-Mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas, Professor Doutor, Anibal Cavaco Silva.

Após o fim da comemoração, SEEx.a o Comandante Operacional, TGen Artur Neves Pina Monteiro dirigiu as suas felicitações ao

Exmo. Comandante do RL2 nos seguintes termos: "Quero expressar ao Comandante e a todos os militares e civis que servem no RL2 o meu mais elevado apreço e satisfação pela forma organizada, digna e altiva como decorreram todas as actividades do Dia Festivo do RL2, a que se dignou presidir SEEx.a o General CEME. Apreciei, para além do rigor e profissionalismo que transpareceu no desenvolvimento de todas as actividades, a vontade e o querer dos militares do RL2, bem como o orgulho que quiseram patentear por serem LANCEIROS, bem visível na forma vibrante como foi cantado o vosso Hino.

Como Comandante Operacional também partilho esse orgulho, por ter o RL2 sob meu comando directo, pelo que na pessoa do seu Comandante, felicitado e saúdo todos os que sob o seu comando souberam neste dia prestigiar este nosso Regimento e o Exército a que todos pertencemos".

### IMPOSIÇÃO DE MEDALHAS

O RL2 no decorrer das cerimónias de comemoração do 176.º aniversário da sua criação efectuou a imposição de medalhas.

Foram distinguidos com a Medalha de Mérito Militar de 2.ª Classe o COR CAV MATOS ALVES e o TCOR CAV SIBORRO REIS;

Com a Medalha de Mérito Militar de 3.ª Classe, foi distinguido o CAP SGE ANTÓNIO ROGADO;

Com a Medalha de Mérito Militar de 4.ª Classe foi distinguido o SCH SSVET ANTÓNIO CASACA;

Com a Medalha D. Afonso Henriques - Mérito do Exército de 2.ª Classe, foi distinguido o MAJ CAV REBORDÃO DE BRITO;

Com a Medalha de Comportamento Exemplar grau Prata foi distinguido o 1SAR CAV RICARDO RODRIGUES;

Com a Medalha de Comportamento Exemplar grau Cobre foram distinguidos o TEN CAV PE EDUARDO GOMES e o CADJ PE NA DISPONIBILIDADE HUGO RAMOS

### ESTÁGIO DO 36.º CFS DE CAVALARIA

Realizou-se no RL2 de 09 a 11 de Fevereiro de 2009 o Estágio do 36.º Curso de Formação de Sargentos de Cavalaria, tendo como principais objectivos o acompanhamento de Missões de Polícia de Exército e de Execução de Atribuições e Tarefas das Subunidades e Órgãos Regimentais.

O Comandante do RL2 saudou os militares do 36.º CFS pela sua presença neste nosso Regimento, desejando as maiores venturas profissionais e pessoais, salientando o grato prazer do apoio prestado pelo RL2 na formação destes futuros Sargentos da Arma de Cavalaria.



## Regimento de Cavalaria nº 3

### 350º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DAS LINHAS DE ELVAS

O tricentésimo quinquagésimo aniversário da Batalha das Linhas de Elvas foi comemorado no dia 14 de Janeiro de 2009, na Cidade de Elvas.

O RC 3 participou nas comemorações com as seguintes forças:

- Na Romagem ao Padrão dos Murtais, com uma Secção Reconhecimento;

- Na Romagem ao Túmulo do General André de Albuquerque de Ribafria, com uma Equipa de Reconhecimento;

- Na Parada das Forças Militares e Militarizadas, com o Porta-Estandarte Nacional e Escolta, Porta-Estandarte da Unidade, Comando das Forças em Parada, 1 Esquadrão de Reconhecimento a 3 Pelotões e cinco Viaturas de Reconhecimento Panhard M11 com as respectivas Guarnições.

### EXPOSIÇÃO PINTURA PALÁCIO REYNOLDS

"Impressionismos" foi o nome da exposição de pintura da autoria do Coronel Infantaria Alexandre de Magalhães Pereira Pinto, que decorreu no período de 13 de Fevereiro até 15 de Março no Palácio Reynolds, "Casa de Oficiais" do Regimento de Cavalaria 3. (1)

(1) In "Brados do Alentejo", de 04MAR09

### HIPOTERAPIA NO RC3

A Hipoterapia praticada no Regimento de Cavalaria Estremoz tem revelado resultados animadores, não só a nível cognitivo mas também de melhor coordenação motora.

Embora o RC3 utilize dois cavalos para a sessão de hipoterapia, o "LIDADOR" é o preferido das crianças precisamente por ser extremamente sossegado, tornando-se num nível ainda dócil e mais calmo junto das crianças".

(2)

(2) In "Público", de 19FEV/09

### EXERCÍCIO MACONTENE 091

O ERec/BRR realizou o Exercício MACONTENE 091, em Estremoz, na Serra de Ossa.

No exercício tentou-se criar um cenário semelhante aos dos conflitos do Séc. XXI, nomeadamente o Teatro de Operações do Afeganistão. (3)

(3) In "Brados do Alentejo", de 19MAR09

### EXERCÍCIO CENTAURO 09

Decorreu no período de 23 a 27 de Março na região de St.ª Margarida o EXERCÍCIO CENTAURO, da BRR.

O ERec/BRR participou com um efectivo de cerca de 90 militares.

### CURSOS DE CONDUTORES

No decurso do 1º quadrimestre de 2009, realizaram-se os seguintes cursos de condutores: 01 curso categoria B, 3 cursos de categoria C e 2 Estágios categoria B.

### CAMPEONATO DE ORIENTAÇÃO - FASE CID

Decorreu nos dias 11, 12 e 13 de Março na Região de Arraiolos o Campeonato de Orientação Fase II do CID. No referido Campeonato participaram 105 atletas, das várias Unidades que constituem o CID. O RC3 participou neste Campeonato com 13 atletas sendo de realçar, mais do que a própria classificação, o desportivismo e o espírito de missão demonstrado durante os treinos e no decorrer do campeonato.

A equipa do RC3 alcançou um brilhante 1º lugar por equipas e o Troféu de Mérito Desportivo no Campeonato de Orientação do CID.

### CAMPEONATO DE ORIENTAÇÃO DA FASE III - EXÉRCITO

Decorreu no RC3, de 15 a 17 de Abril, o Campeonato de Orientação da Fase Exército.

O RC3 constituiu-se como entidade primariamente responsável pela organização deste evento desportivo, com o apoio técnico do Comando da

Instrução e Doutrina (CID).

Oriundos dos Órgãos Centrais de Administração e Direcção, das 3 Brigadas e das Zonas Militares dos Açores e Madeira, 166 atletas competiram nas três provas que compuseram o campeonato, percorrendo terras Alentejanas, localizadas na região das povoações de Pavia e Vimieiro (Estremoz).

### 625º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DOS ATOLEIROS

O seiscentésimo vigésimo quinto aniversário da Batalha dos Atoleiros foi comemorado no dia 06 de Abril de 2009, na vila de Fronteira e proximidades - Padrão da Batalha dos Atoleiros.

O RC 3 participou nas comemorações com as seguintes forças:

- Na Cerimónia do Padrão, com uma Secção (1 Sargento e 8 Praças);

- Na Parada das Forças Militares e Militarizadas, com o Porta-Estandarte Nacional e Escolta (1 Oficial, 2 Sargentos e 1 Praça), Porta-Estandarte da Unidade (1 Sargento), Comando das Forças em Parada (2 Oficiais e 1 Praça), 1 Esquadrão de Reconhecimento a 3 Pelotões (4 Oficiais, 10 Sargentos e 45 Praças) e cinco Viaturas de Reconhecimento Panhard M11 com as respectivas Guarnições (1 Oficial, 2 Sargentos e 12 Praças).

### COMEMORAÇÃO DO 91º ANIVERSÁRIO DO DIA DO COMBATENTE E DA BATALHA DE "LA LYS"

Realizaram-se durante o mês de Abril diversas cerimónias militares Comemorativas do 91º Aniversário do dia do Combatente e da Batalha de "La Lys". Nomeadamente nas cidades de Estremoz, Elvas e Portalegre.

O RC 3 garantiu a Guarda de Honra nas cerimónias com um Esquadrão a dois pelotões em Estremoz e uma Secção em Elvas e Portalegre.



## Quartel da Cavalaria em Santa Margarida Ex-Regimento de Cavalaria nº 4

### DIA DO QUARTEL DA CAVALARIA



No dia 13 de Março de 2009, o GCC e ERec que herderam as tradições e espírito do extinto Regimento de Cavalaria Nº4 (RC4), comemoraram o dia do Quartel da Cavalaria (QCav). Esta data assinala as relevantes acções tomadas por militares do RC4 em Viella, França, durante a Guerra Peninsular no dia 13 de Março de 1814. As comemorações iniciaram-se com a cerimónia militar, presidida pelo Exmo General director Honorário da Arma de Cavalaria, MGen Luís Miguel de N. Morais de Medeiros, seguidas de um lanche convívio e da assinatura do livro de honra do QCav.

### ESTAFETA NUN'ALVARES PEREIRA

Realizou-se no passado dia 01 de Abril de 2009 no âmbito das comemorações do 57º aniversário do CMSM e do 31º aniversário da BrigMec, a Estafeta Nun'Alvares Pereira entre a Vila de Fronteira e a Brigada Mecanizada num total de cerca de 100 quilómetros. O QCav obteve os seguintes resultados: GCC, 1º classificado em Masculinos e 2º classificado em Femininos; ERec, 3º classificado em Masculinos e 7º classificado em Femininos.

### JORNADAS DO DIA DA DEFESA NACIONAL (DDN)



Em 12MAR09, terminou a 2ª fase das Jornadas do Dia da Defesa Nacional que

têm por finalidade receber diariamente um conjunto de jovens (cerca de 120) de 18 anos, previamente convocados para se apresentarem, afim de serem sensibilizados sobre a Defesa Nacional, o papel das Forças Armadas e sobre as actuais formas de prestação de serviço militar. Estas Jornadas do Dia da Defesa Nacional estão previstas reiniciarem em Outubro de 2009.

### APOIO EXERCÍCIO DA EPC

O QCav prestou apoio aos Exercícios de Tática de CC e de Reconhecimento do CFS de Cavalaria, com um Pelotão de CC M60 A3 TTS do 1ECC/GCC, no período de 04MAR09 a 09MAR09 e um Pelotão de Reconhecimento do ERec, no período de 30MAR09 a 02ABR09.



### CURSOS LEOPARD 2A6

Durante os meses de Fevereiro, Março e Abril, ministraram-se os primeiros cursos para a formação das guarnições do CC Leopard 2 A6, à responsabilidade do GCC/BrigMec: curso de condutores de CC de 16 Fevereiro a 03 Abril, com um total de 142 horas, concluído por 13 formandos; curso de Chefes de CC de 16 Fevereiro a 03 Abril com um total de 180 horas, concluído por 16 formandos; curso de municiadores de CC de 30 Março a 21 Abril com um total de 93 horas, concluído por 18 formandos. Os cursos culminaram com uma cerimónia de encerramento presidida pelo Exmo MGEN Comandante da BrigMec. No passado dia 4 de Maio iniciou-se o curso de Apontadores de CC LEOPARD. O curso é frequentado por 18 praças e terá a duração de 150 horas.

### EXERCÍCIO LINCE 09



De 09FEV09 a 13FEV09 o GCC/BrigMec participou com o 1ºECC, no Exercício LINCE 09 do 1ºBIMec que se realizou no Campo Militar de Santa Margarida e que consistiu em ocupar uma Zona de Reunião onde foram efectuados os preparativos para a execução de uma operação ofensiva com a conquista de dois Objectivos.

### CURSO MUNICIADORES MORTEIROS

De 23MAR09 a 03ABR09 o ERec ministrou o curso de municionador de morteiro pesado 120mm a 15 militares do Esquadrão. A instrução foi preparada e ministrada por uma equipa de formadores constituída por três sargentos do ERec.

### EXERCÍCIO ROSA BRAVA 09

Decorreu de 20ABR09 a 30ABR09 o exercício Rosa Brava 09 (RB09), que empenhou o GCC/BrigMec e ERec num exercício inserido no treino operacional da BrigMec. O RB09 iniciou-se com um exercício de fogos reais de artilharia (Eficácia 09) em que participou o Pelotão de Morteiros do ERec. Em 22MAI09 as forças da BrigMec ocuparam uma ZRn onde iniciaram os preparativos para a execução de uma operação ofensiva que culminou com a conquista de dois Objectivos. De seguida as forças foram projectadas para diversas FOB's onde se treinou as operações de estabilização (CRO), ficando o 1ºECC na FOB de Ponte Sôr e o ERec na FOB de Torres Novas. O exercício terminou no dia 30ABR09 com uma demonstração de tiro real, empenhando os vários meios da Brigada e um desfile apeado em Torres Novas.



## Regimento de Cavalaria n.º 6

REGIMENTO DE CAVALARIA  
N.º 6 COMEMORA 300 ANOS



O dia festivo do Regimento de Cavalaria N.º 6 é anualmente comemorado a 21 de Julho, evocando o combate de ARMINON, travado em 1837 durante a 1.ª Guerra Carlista, no qual as forças do "6", integrando a Divisão Auxiliar enviada para Espanha, se cobriram de glória pela sua audácia e heroísmo.

Este ano as comemorações assumem particular importância, pelo facto de se comemorar o 300.º Aniversário da nossa Unidade. Para o efeito, foi elaborado um Programa de Actividades, que se iniciaram a 4 de Junho e se vão prolongar até ao final do ano, assinalando de modo indelével a comemoração dos 300 anos, conferindo assim, a importância que a efeméride justifica.

A Cerimónia Militar do Dia do Regimento de Cavalaria n.º 6, realizou-se no dia 21 de Julho, presidida pelo Comandante Operacional do Exército, Tenente General Pina Monteiro e contou com a presença das diversas autoridades civis, e militares do Distrito de Braga e de Viana do Castelo, área responsabilidade do Regimento.



XXVI CONCURSO NACIONAL  
DE COMBINADO



O Regimento de Cavalaria N.º 6 organizou nos dias 17 e 18 de Julho de 2009, o XXVI Concurso Nacional Combinado.

Esta prova, envolveu a participação de 35 cavaleiros, dos quais 02 civis, e contou com uma elevada presença de visitantes nos dois dias da sua realização.

Estiveram presentes diversas entidades militares e civis, nomeadamente o Exmo TGEN Carlos de Azeredo, o Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, MGEN Martins Ferreira, o Presidente da Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, Eng.º Almeida Barreto, para além de Oficiais Superiores da Arma de Cavalaria e de outras entidades locais convidadas.

A 26.ª edição do CNC dos Dragões de entre Douro e Minho teve como vencedores os seguintes conjuntos:

CNC\* - TCOR GNR Mariz dos Santos, montando Renata

CNC Preliminar - CAP GNR Cacirol, montando Xila

"VIAGENS ESPACIAIS" EM  
PALESTRA



Realizou-se em 4 de Junho de 2009 no auditório da Universidade Católica (Campus Camões) uma Palestra sobre "Viagens Espaciais", proferida pelo Prof Dr Carlos Fernando Carvalhido Oliveira da Universidade do Texas, nos Estados Unidos da América.

Numa altura em que se comemora o Ano Internacional da Astronomia, esta iniciativa constante do Programa das Comemorações dos 300 anos do Regimento de Cavalaria 6, constituiu uma oportunidade de promoção da Cultura Científica e de acesso a novos conhecimentos.

III ENCONTRO DE PINTURA



Integrado no programa das comemorações dos 300 anos do Regimento de Cavalaria n.º 6, realizou-se no passado dia 11 de Julho de 2009 o III Encontro de Pintura do Regimento.

A iniciativa, deste ano assumiu o tema "300 anos do Regimento de Cavalaria n.º 6" e contou com a participação de 13 artistas que deram largas à sua arte, produzindo igual número de obras, que foram entregues ao regimento de Cavalaria n.º 6 que deste modo se constitui como fiel depositário das obras.

IMAGENS DA I GUERRA  
MUNDIAL



O Regimento de Cavalaria n.º 6, promoveu de 29 de Junho a 5 de Julho, no Bragaparque, uma exposição fotográfica de Arnaldo Garcez, com título "Imagens da I Guerra Mundial".

A mostra, integrada no programa das comemorações dos 300 anos do regimento registou rostos e momentos captados nas trincheiras e nos campos de batalha em França, onde cerca de 40 mil militares portugueses se bateram com bravura durante a I grande guerra.



## Centro Militar de Educação Física e Desportos

Durante os meses de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril de 2009 realizaram-se no Centro Militar de Educação Física e Desportos as seguintes actividades:

INÍCIO DO CURSO  
DE INSTRUCTORES  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
MILITAR - 2009



No passado dia 12 de Janeiro iniciou-se mais um Curso de Instrutores de Educação Física Militar. Este curso, inserido no plano anual de formação, conta com a frequência de 25 militares, 12 Oficiais e 13 Sargentos, entre eles um militar da República de Timor-Leste, um militar da República de Cabo Verde e dois militares da Guarda Nacional Republicana.

TORNEIO DE ESGRIMA  
DO CMEFD

Realizou-se nos dias 3 e 4 de Março mais uma edição do Torneio



de Esgrima do CMEFD. Esta prova contou com a participação de cerca de 70 militares nas modalidades de Espada masculino e feminino e Sabre masculino, pertencentes a diversas UEO do Exército, além da participação de militares da Guarda Nacional Republicana, Força Aérea Portuguesa e da Liga dos Combatentes.

LIII SEMANA EQUESTRE  
MILITAR

Decorreu neste Centro Militar, no período de 19 a 22 e de 26 a 29 de Março, a LIII Semana Equestre Militar. Para além das diversas provas equestres disputadas ao longo de dois fins-de-semana, o evento deste ano teve como momento alto a visita de Sua Ex.ª o General Chefe do Estado Maior



do Exército, que aproveitou esta oportunidade para ver em acção os melhores cavaleiros do Exército Português.

CAMPEONATO DE TIRO  
DESPORTIVO 2009  
- FASE CID



Entre os dias 30 de Março e 03 de Abril, decorreu neste Centro Militar, o Campeonato de Tiro Desportivo do Comando de Instrução e Doutrina. Este campeonato contou com a participação de 56 militares na modalidade de espingarda, sendo 23 militares do sexo feminino, e 44 militares na modalidade de pistola, sendo 9 militares do sexo feminino. A cerimónia de encerramento foi presidida pelo Exmo. Comandante do CMEFD Cor Cav José Maria Rebocho Pais de Paula Santos.



## UALE - Unidade de Aviação Ligeira do Exército

### APOIO À ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE AVIAÇÃO ULTRALEVE



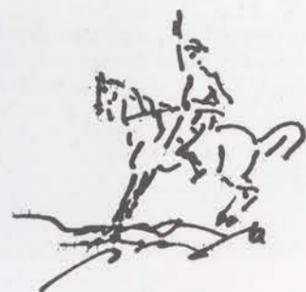
A Associação Portuguesa de Aviação Ultraleve (APAU) realizou, nos passados dias 28 e 29 de Março, um passeio com o tema “descida do rio Tejo – da fronteira até à foz” com início na pista de ultraleves de Castelo Branco e com a primeira e principal escala neste Aeródromo Militar de Tancos, seguindo depois para o aeródromo municipal de Cascais.

Este evento contou com a presença de cerca de 30 aeronaves de diferentes tipos que aterraram e, posteriormente, descolaram com condições meteorológicas algo adversas – vento forte com velocidade a rondar os 30 nós – que motivaram, inclusive, alterações ao planeamento, tendo sido cancelada a escala prevista no aeródromo Cosme Pedrógão em Santarém. As aeronaves parquearam nas infra-estruturas da unidade que garantiu também os demais apoios de aeródromo.



### APOIO AO 2ºCURSO DE PRIMEIRA INTERVENÇÃO, PROTECÇÃO E SOCORRO DO GIPS DA GNR

No período de 14 a 29 de Abril de 2009 a Unidade de Aviação Ligeira do Exército apoiou, com reabastecimento de combustível de aviação e disponibilização das infra-estruturas do Aeródromo Militar de Tancos, o 2ºCurso de Primeira Intervenção, Protecção e Socorro ministrado pelo Grupo de Intervenção Protecção e Socorro (GIPS) da Guarda Nacional Republicana. A componente prática do curso decorreu na área do Polígono Militar de Tancos com a participação de meios aéreos da Empresa de Meios Aéreos, S.A. (EMA) do Ministério da Administração Interna, tendo sido utilizados dois helicópteros ECUREUIL AS-350B3 e um helicóptero KAMOV KA-32A11BC, cujas tripulações integraram, nalgumas das missões, pilotos do Exército.



## Unidade de Segurança e Honras de Estado / GNR



No dia 1 de Janeiro de 2009, fruto da reestruturação da Guarda Nacional Republicana, através da Portaria 1450/2008, de 16 de Dezembro, é extinto o Regimento de Cavalaria dando origem à Unidade de Segurança e Honras de Estado (USHE), mantendo toda a simbologia heráldica, e dia festivo. A USHE é uma unidade de representação de escalão brigada herdeira e depositária das tradições e de todo espólio histórico e documental do ex-Regimento de Cavalaria da GNR, da 1ª, 3ª Companhias e Fanfara do ex-Regimento de Infantaria da GNR e da Banda de Música do Comando-Geral. Nos termos do artigo 43.º da lei orgânica da GNR, para além da missão geral da Guarda, é responsável pela protecção e segurança às instalações dos órgãos de soberania e de outras entidades que lhe sejam confiadas, e pela prestação de honras de estado.

Fruto desta reestruturação, a USHE passou a ser de comando de oficial general, tendo sido nomeado para o efeito, como primeiro comandante, o Exmo. Major-General José Romão Mourato Caldeira.

Com o aquartelamento do comando na Ajuda, em Lisboa, a USHE articula-se em Comando e Estado-Maior, Grupo de Honras de Estado (GHE), Grupo de Segurança (GS), Esquadrão Presidencial (EP), Centro de Ensino e Desbaste de Solípedes (CEDS), Centro de Formação Equestre (CFE), Banda de Música e Fanfara e, Charanga a Cavalos, sendo atribuídos, pela Secretária-Geral da Guarda, um Esquadrão de Comando e Serviços (ECS) e, pelo Comando da

Administração de Recursos Internos, as Secções de Recursos Humanos, Financeiros e Logísticos.

O GHE é de comando de tenente-coronel, sendo constituído pelo 2º Esquadrão Moto, aquartelado em Cabeço de Bola, o 3º Esquadrão a Cavalos, aquartelado em Braço de Prata e 4º Esquadrão a Cavalos, aquartelado na Ajuda. O GS é de comando de tenente-coronel, sendo constituído pelas 1ª e 3ª Companhias de Infantaria, aquarteladas na Estrela.

O EP encontra-se aquartelado no Palácio Nacional de Belém, o CEDS e o ECS na Ajuda, sendo todos de comando de capitão.

A Banda de Música e Fanfara, é de comando de tenente-coronel e a Charanga a Cavalos, de comando de um sargento-chefe mestre-de-clarins.

Para além das competências decorrentes da sua missão geral, a USHE compete, nomeadamente:

- Garantir a prestação de honras de Estado confiadas à Guarda, bem como as superiormente determinadas, sem prejuízo das atribuições do esquadrão presidencial;
- Garantir a segurança às instalações dos órgãos de soberania, designadamente dos Palácios de S. Bento e das Necessidades, assim como de outras que lhe forem confiadas;
- Garantir a segurança e prestação de honras de Estado no Palácio Nacional de Belém;
- Manter em prontidão um esquadrão a cavalos para reforço da Unidade de Intervenção em acções de manutenção e restabelecimento da ordem pública;
- Nomear oficiais de segurança, para os órgãos de soberania, cuja responsabilidade seja atribuída à Guarda;
- Garantir a remonta, o desbaste e o ensino de solípedes, a inspecção técnica e a uniformização de procedimentos de unidades a cavalos e da equitação;
- Assegurar, sob supervisão do

comando da doutrina e formação, a instrução específica de cavalaria;

h. Realizar acções de natureza preventiva e efectuar o emprego operacional dos seus meios em reforço das unidades;

### 1º DIA DA UNIDADE

No dia 5 de Abril de 2009, tiveram lugar no 4º Esquadrão da Unidade de Segurança e Honras de Estado, na Ajuda, em Lisboa, as comemorações do 1º Dia da Unidade, criada em 1 de Janeiro de 2009, através da Portaria 1450/2008, de 16 de Dezembro.

As comemorações tiveram início com uma cerimónia militar, realizada na parada do aquartelamento do 4º Esquadrão, presidida pelo Exmo. Comandante Operacional da GNR – Tenente-General Meireles de Carvalho, seguida da apresentação de um pelotão auto-comandado do Esquadrão Presidencial e do Carrossel Moto do 2º Esquadrão.

As comemorações continuaram no campo de obstáculos da mesma subunidade, com a apresentação da Reprise a Cavalos seguida da apresentação da Charanga a Cavalos. No final, foi servido um almoço volante a todos os convidados, no Picadeiro Tenente-Coronel Martins Abrantes.

